

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 37 • 2026



**3.º COLÓQUIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DAS IDEIAS
E DOS CONCEITOS EM ARQUEOLOGIA
O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA E O SEU ENQUADRAMENTO
NO CALCOLÍTICO DO SUL PENINSULAR**

ACTAS

Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2026

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)
- Professor Doutor Mário Barroca (Universidade do Porto)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 37 • 2026 ISSN: 0872-6086

DOI: 10.5281/zenodo.19817015

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. – Amares – Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DE CUNHO SIMBÓLICO RECOLHIDOS NO POVOADO DE FOSSOS DE PORTO TORRÃO (FERREIRA DO ALENTEJO)

ARCHAEOLOGICAL MATERIALS OF SYMBOLIC NATURE COLLECTED IN THE SETTLEMENT OF PORTO TORRÃO (FERREIRA DO ALENTEJO)

João Luís Cardoso¹, Filipe Martins², Paulo Rebelo³, Nuno Neto³, Miguel Rocha³ & Raquel Santos³

A perspectiva, que ainda persiste em algumas franjas da produção arqueológica portuguesa, de atribuir os povoados calcolíticos fortificados que se dispersam por quase todo o território nacional, tenham eles integrado muralhas de pedra ou dispositivos de fossos e paliçadas, a locais de natureza estritamente ritual, é tão despropositada quanto o querer ver na Torre de Belém apenas um monumento de cunho exclusivamente simbólico, erigido à glória de El-Rei Dom Manuel, omitindo o seu carácter funcional, destinado a defender a entrada de Lisboa, que foi na verdade o principal motivo da sua construção.

Abstract

The archaeological excavations carried out in sectors 1, 2 and 3 of the Porto Torrão ditched enclosure settlement (Ferreira do Alentejo), by the company Neoépica, allowed the contextualized collection of several exceptional artifacts of symbolic use. The analysis of the characteristics of the collection contexts and the objects allows us to understand the relationship between these elements, in an attempt to define the living or funerary spaces in which such objects were used and the contexts in which they were subsequently dumped and discarded.

Keywords: symbolic artifacts; Chalcolithic; ditched enclosure settlement; Porto Torrão

1 – INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Porto Torrão situa-se no concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja; tem vindo a ser intervencionado já desde a década de 80 do século XX, altura em que José Morais Arnaud realizou trabalhos de prospecção e escavação (ARNAUD, 1982; 1984-88; 1993). Posteriormente, em 2002, realizaram-se trabalhos arqueológicos associados à construção da linha de alta tensão Alqueva-Ferreira do Alentejo

¹ Investigador Coordenador convidado do ICAREHB (Universidade do Algarve). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). joaoluiscardoso18@gmail.com

² Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). filipe.s.martins@oeiras.pt

³ Neoépica, Lda.; neoepica@gmail.com

(VALERA & FILIPE, 2004). Contudo, é entre 2008 e 2010 que se executa um intenso conjunto de trabalhos arqueológicos, no âmbito da minimização e salvaguarda da implantação das infra-estruturas do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom, obra levada a cabo pela EDIA, S.A. (SANTOS et al., 2014; SANTOS et al., 2011; REBELO et al., 2009).

Os trabalhos arqueológicos realizados na área do povoado do Porto Torrão marcam de forma notória a centralidade e relevância que terá desempenhado na rede de povoamento do 3º milénio a.C.

No presente estudo publicam-se alguns dos contextos habitacionais e os espólios neles recolhidos associados ao mundo ritual-simbólico, que desempenhou papel central na vivência destas comunidades.

Até ao presente, foram apresentados vários artigos associados de forma directa e/ou indirecta aos contextos agora analisados (ROCHA et al., 2012; ROCHA et al., 2013; NETO et al., 2013), enquadrando-se o artigo agora apresentado nessa estratégia que procura caracterizar de forma objectiva e em coerência com as evidências materiais recuperadas, as funcionalidades associadas a este importante sítio com notável ocupação do Calcolítico.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

Os contextos de onde provêm os espólios agora publicados foram identificados no âmbito dos trabalhos arqueológicos de minimização e salvaguarda, realizados na área limite do lado sul do povoado, tendo em vista a implantação das infra-estruturas do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom, empreitada da responsabilidade da EDIA S.A. Este conjunto de trabalhos realizou-se em duas fases distintas, entre 2008 e 2010: em uma 1.ª fase, efectuaram-se onze sondagens de diagnóstico, correspondendo a 2.ª fase à escavação em área de todo o traçado que viria a ser afectado pela construção das referidas infra-estruturas de rega (SANTOS et al., 2014) (Fig. 1).

O conjunto artefactual ora publicado integrava os contextos registados em ambas as fases dos trabalhos, tendo sido recolhido quer na abertura das sondagens de diagnóstico, que no decurso da intervenção em área nos sectores 1 e 3 Oeste (Fig. 2 e 3).

Estes sectores revelaram um conjunto diversificado de contextos, integrando níveis de ocupação; estruturas arquitectónicas em positivo; e estruturas em negativo, especialmente fossas, para além de duas secções de cada um dos dois fossos que circundavam o povoado (Fig. 1).

3 – CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS

A intervenção arqueológica em três sectores do sítio de Porto Torrão revelou uma complexa dinâmica de ocupação e abandono, associada a grande diversidade de contextos.

O uso agrícola actual dos terrenos onde se implanta o povoado, abarca, de forma genérica, todo o espaço de interesse arqueológico. Assim, a intervenção realizada permitiu registar à superfície a existência de uma camada revolvida pelos trabalhos agrícolas, onde se assinalou a presença de uma grande quantidade de material arqueológico. Os contextos arqueológicos propriamente ditos observaram-se em profundidade, mais perto do substrato geológico, composto por margas calcárias, preservando-se directamente sobre o mesmo, ou associados a um conjunto variado de estruturas, sejam em negativo ou em positivo. Entre as primeiras, registaram-se dois troços de fossos, várias fossas, valas e buracos de poste, estes últimos correspondentes a

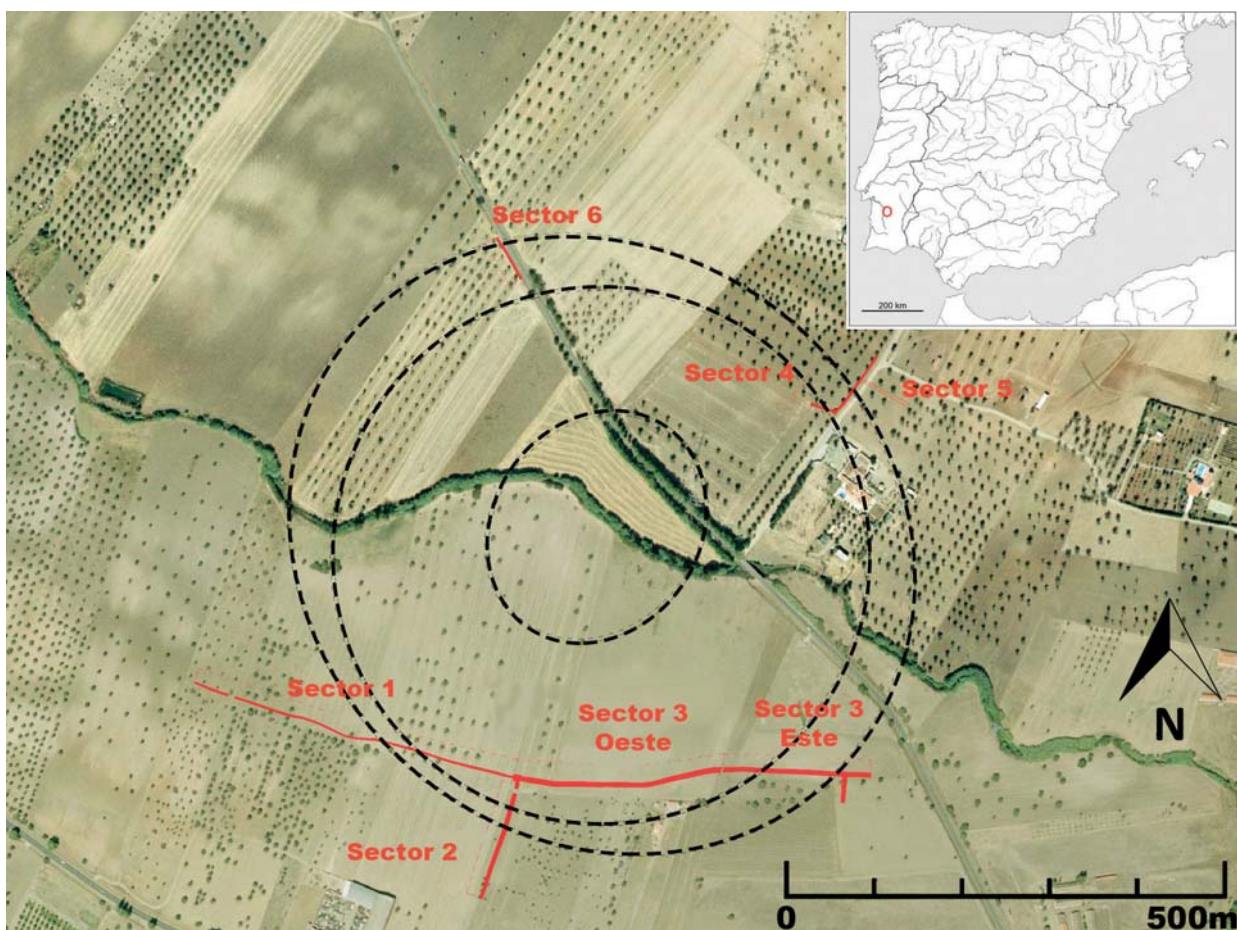


Fig. 1 – Localização do sítio arqueológico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) com a indicação do traçado possível dos fossos, de acordo com os resultados das intervenções arqueológicas realizadas nos diferentes sectores escavados.

elementos estruturais que se desenvolveriam verticalmente. Já a presença de algumas estruturas em positivo, tais como estruturas de combustão, empedrados, alinhamentos de muros/paredes, bem como depósitos em deposição primária com grandes concentrações de material *in situ* (inclusive uma área de talhe), ilustram o segundo grupo de estruturas às quais se associam algumas das peças ora publicadas.

O espólio em análise foi recolhido apenas nos Sectores 1 e 3 Oeste, em grande maioria no interior de estruturas em negativo que se podem enquadrar tipologicamente em estruturas de tipo fossa e em fundos de cabana (Fig. 2 e 3).

As estruturas tipo fossa desenham-se em interfaces de tendência semi-circular, com perfis que podem variar entre trapezoidal, em “S” e em forma de “saco”. Correspondem a estruturas de grande capacidade, variando o seu diâmetro entre 1 a 3 metros, com profundidades entre 1m a 2,50 m, a que tradicionalmente se atribui a função de armazenamento, tendo o conjunto artefactual de cunho simbólico sido recolhido em associação aos depósitos que enchem estas estruturas, ali acumulados em época ulterior ao seu abandono.

O estado fragmentário de parte das peças em análise recolhidas nestes contextos, de que são exemplo os fragmentos de placas de xisto (Fig. 19, n.º 2 e 3; Fig. 22, n.º 2 e 3), ou da figura antropomórfica em cerâmica fragmentada na base (Fig. 16, n.º 1; Fig. 24, n.º 7), indiciam o seu descarte no meio de outras peças como fragmentos de cerâmica, elementos líticos em pedra lascada e polida, e restos de fauna. Ou seja, a natureza dos

depósitos a que este conjunto artefactual se encontra associado, bem como o estado fragmentado de parte das peças, é compatível com próprio estado de conservação destas, que terão sido, também elas, alvo de descarte, sendo parte integrante do respectivo depósito.

Situação diversa foi reconhecida na fossa [1250], que corresponde a uma estrutura aberta no substrato geológico friável, de contorno semi-circular e perfil em “S”, apresentando 1,70m de diâmetro e uma profundidade com cerca de 1m (Fig. 4 e 5). A escavação do seu enchimento revelou grande concentração de material arqueológico, com algumas peças inteiras, entre as quais uma notável placa de xisto (Fig. 5; Fig. 18, n.º 1; Fig. 26, n.º 2), um ídolo-falange (inv. 5317), uma “baguette” em calcite (Fig. 16, n.º 2; Fig. 24, n.º 1), e um vaso de boca elipsoidal (Fig. 4; Fig. 11, n.º 4; Fig. 23, n.º 1). Junto ao fundo da fossa [1250], e no seu centro, encontrou-se o enterramento de uma mulher jovem, em posição fetal, em decúbito lateral, com orientação 160° – 350° (GRANJA, 2011). Sublinha-se a colocação directa sobre os pés do indivíduo de um elemento de moagem (dormente) de grandes dimensões (Fig. 5).

A identificação da referida placa de xisto a uma cota superior à do enterramento, com a face principal para cima, conjuntamente com o depósito cuidado de vários artefactos inteiros, maioritariamente cerâmicos, de forma cuidada, provavelmente no momento de enterramento do corpo, supõe intencionalidade no acto da inumação, constituindo assim uma verdadeira sepultura, reutilizando uma fossa previamente existente, situada em pleno povoado (Fig. 5).

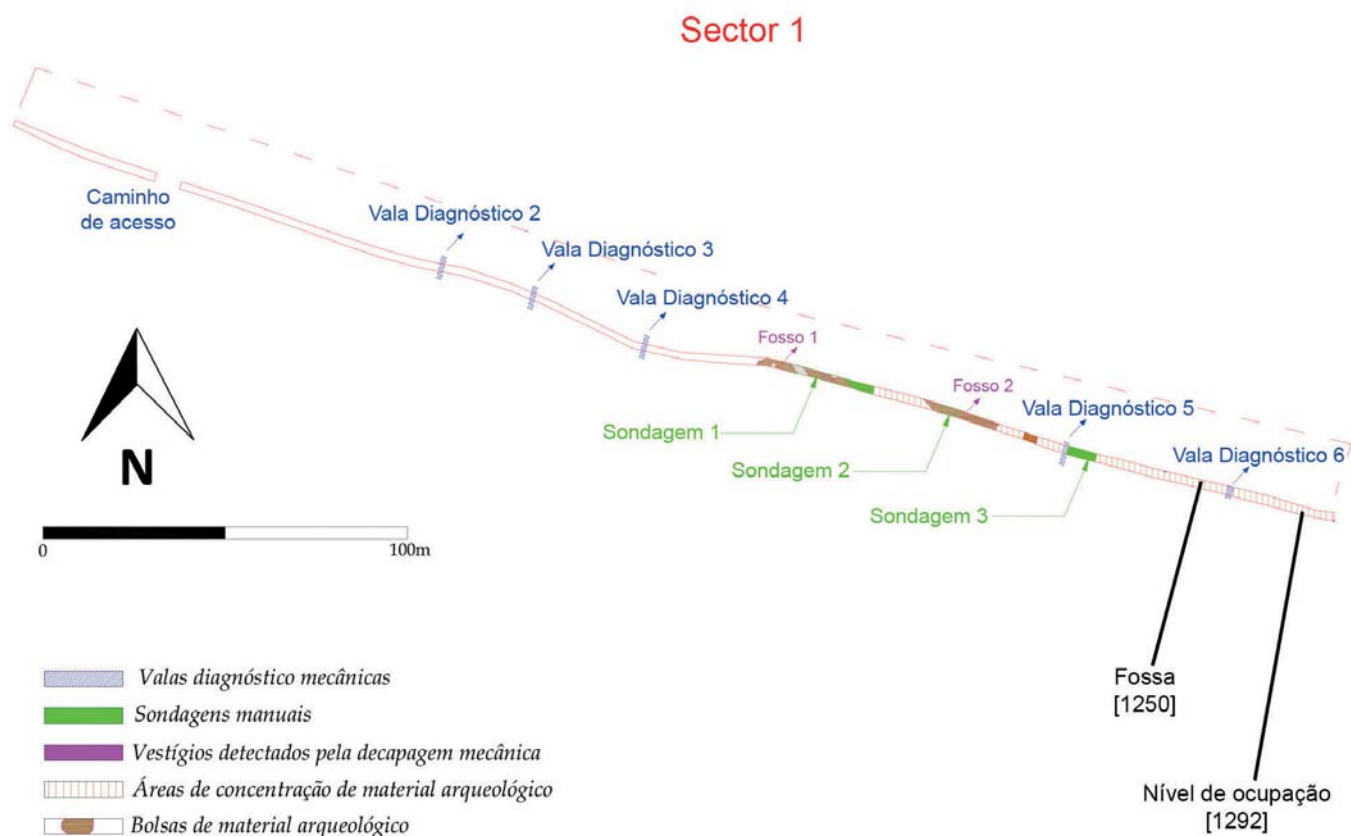


Fig. 2 – Porto Torrão. Trabalhos arqueológicos realizados no Sector 1.

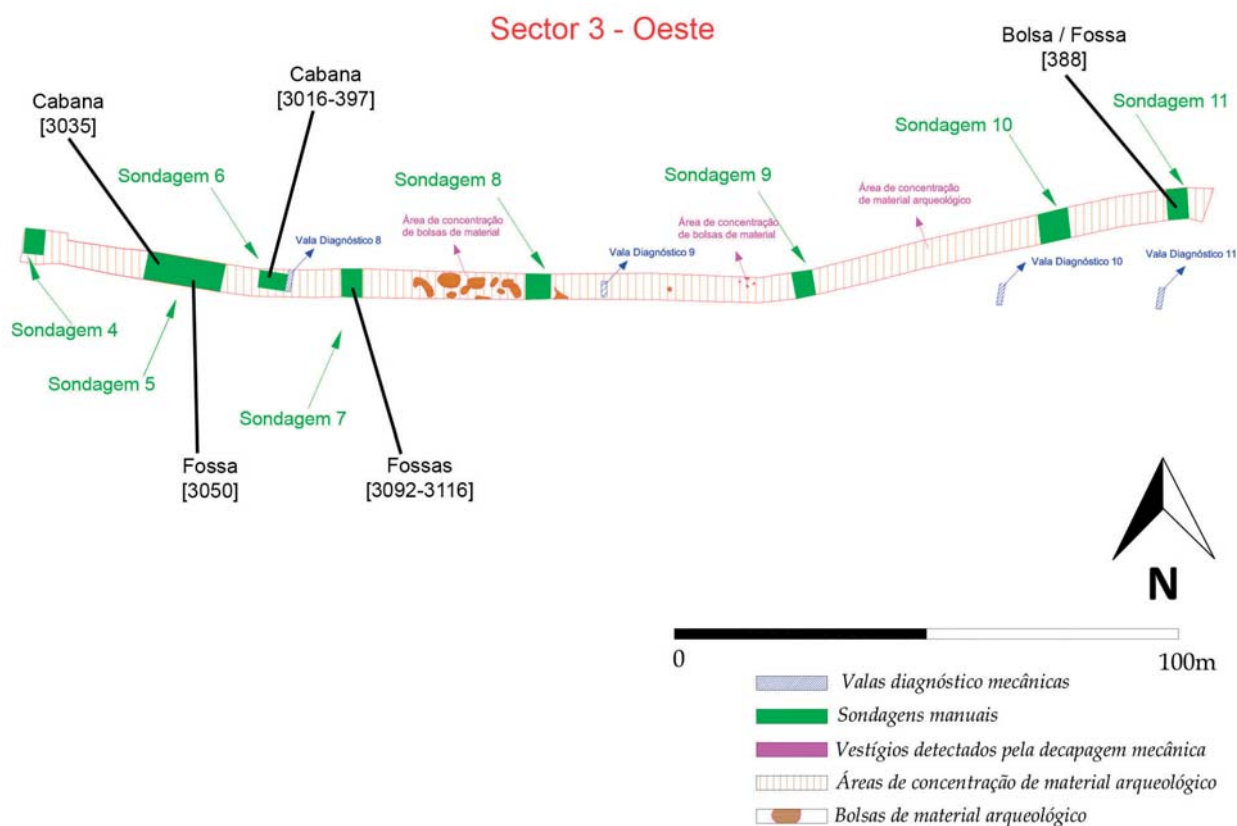


Fig. 3 – Porto Torrão. Trabalhos arqueológicos realizados no Sector 3-Oeste.

A escavação das fossas [3092-3116] permitiu registar, no seu enchimento, um conjunto artefactual diversificado de carácter simbólico: um vaso miniatral (Fig. 10, n.º 3), disposto de forma cuidada na horizontal; duas taças inteiras de pequenas dimensões (Fig. 10, n.º 1 e 2; Fig. 21, n.º 6); dois fragmentos de placas de xisto; um ídolo-falange (Fig. 16, n.º 3; Fig. 25, n.º 4); e uma “*baguette*” de osso (Fig. 17, n.º 4; Fig. 25, n.º 3). É ainda de sublinhar a incorporação de um buraco de poste ao centro da fossa [3092]/[3116], ao nível do fundo (Fig. 8).

A NE deste conjunto registaram-se outras duas fossas, menos profundas (Fig. 7 e 8). A [3107] apresentava, sobre o fundo, uma inumação disposta em posição flectida sob o lado direito, orientação 120°-300°, encontrando-se a face do crânio virada para o solo. Directamente sobre o esqueleto encontravam-se dispostos vários elementos pétreos de grandes dimensões, alguns directamente sobre os pés. Note-se a presença de um percutor colocado próximo da cabeça. Já a fossa confinante a Oeste, [3090], apresentava características formais muito semelhantes à [3107], registando no seu enchimento, sensivelmente no mesmo plano altimétrico que o enterramento, disposição cuidada, na horizontal, de um conjunto de hastes de cervídeo (Fig. 7). Perante os dados obtidos, pode admitir-se que o conjunto artefactual em análise, recolhido no enchimento das fossas [3092-3116], se encontra associado a um mesmo contexto ritual de carácter funerário associado à inumação da fossa [3107], bem como à disposição das hastes de cervídeo da fossa [3090] (GRANJA, 2011) (Fig. 7 e 8).

Associada à base da colmatação da fossa [3050], identificou-se a camada [3214], que forneceu um fragmento de cerâmica decorada (Fig. 13, n.º 6). É de notar que na primeira camada de enchimento [3056] se encontravam dispostos restos ósseos humanos, sem estarem em conexão anatómica.

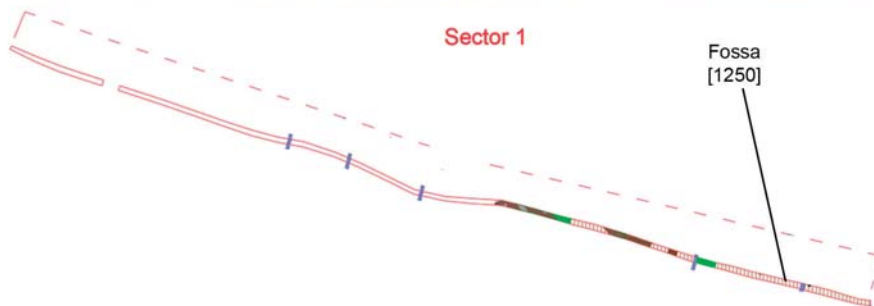


Fig. 4 – Porto Torrão: Sector 1. Em cima: enchimento de estrutura negativa [1250], de tipo fossa, com um enterramento e espólio associado. Ao centro: pormenor de vaso de boca elipsoidal recolhido a uma cota intermédia [camada 1249] (Fig. 11, n.º 4; Fig. 23, n.º 1). Em baixo: localização da referida estrutura em planta.



Fig. 5 – Porto Torrão: Sector 1. Em cima: pormenor de placa de xisto recolhida a uma cota intermédia da estrutura negativa [1250], de tipo fossa (Fig. 18, n.º 1; Fig. 26, n.º 2). Ao centro: enterramento na base da referida estrutura e espólio associado. Em baixo: localização da referida estrutura em planta.

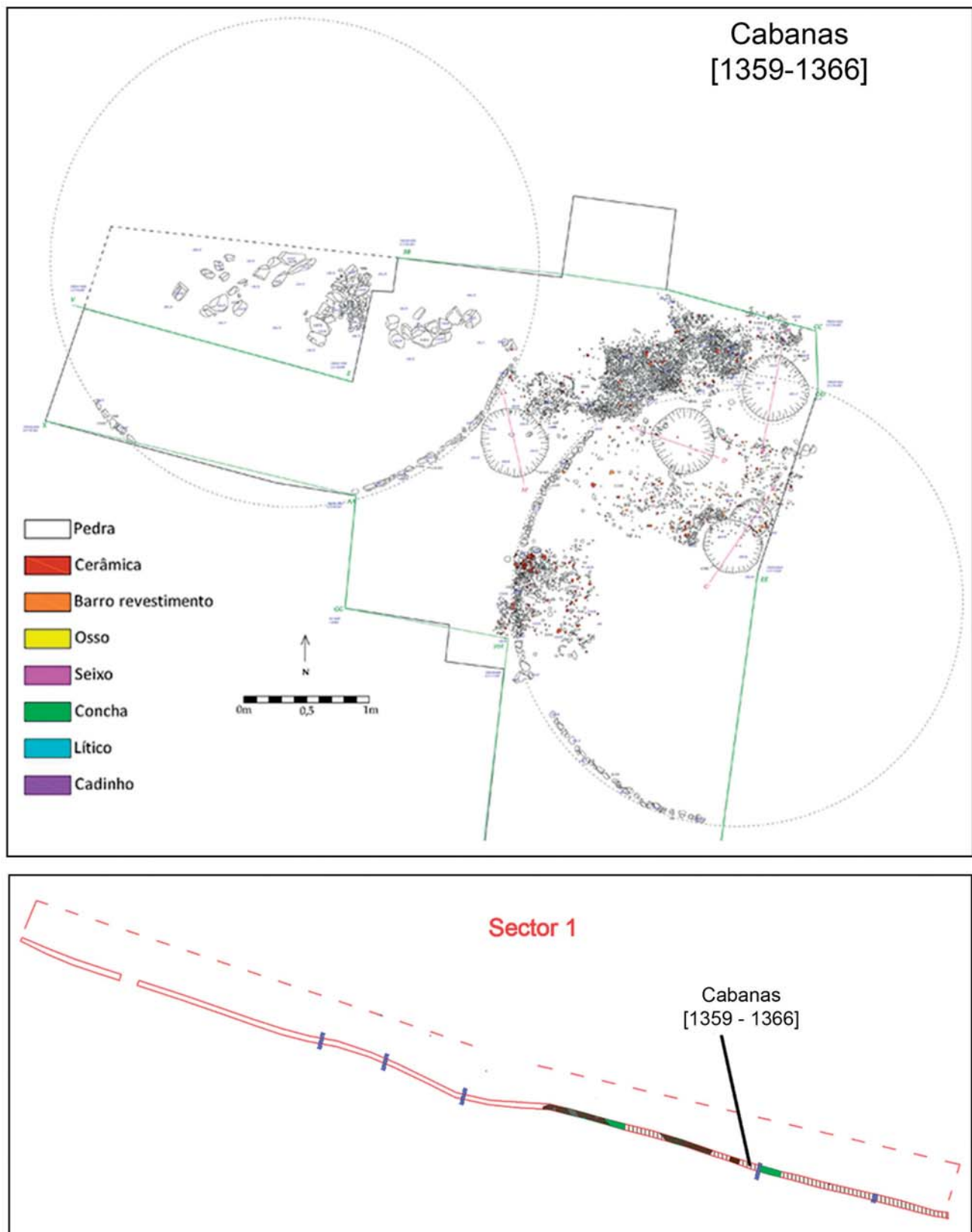


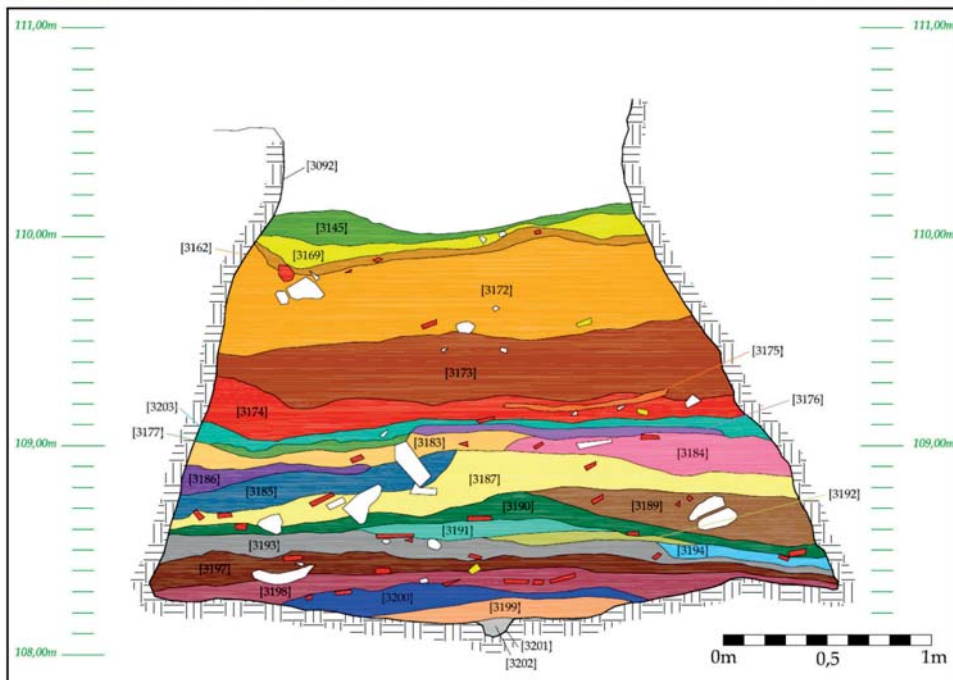
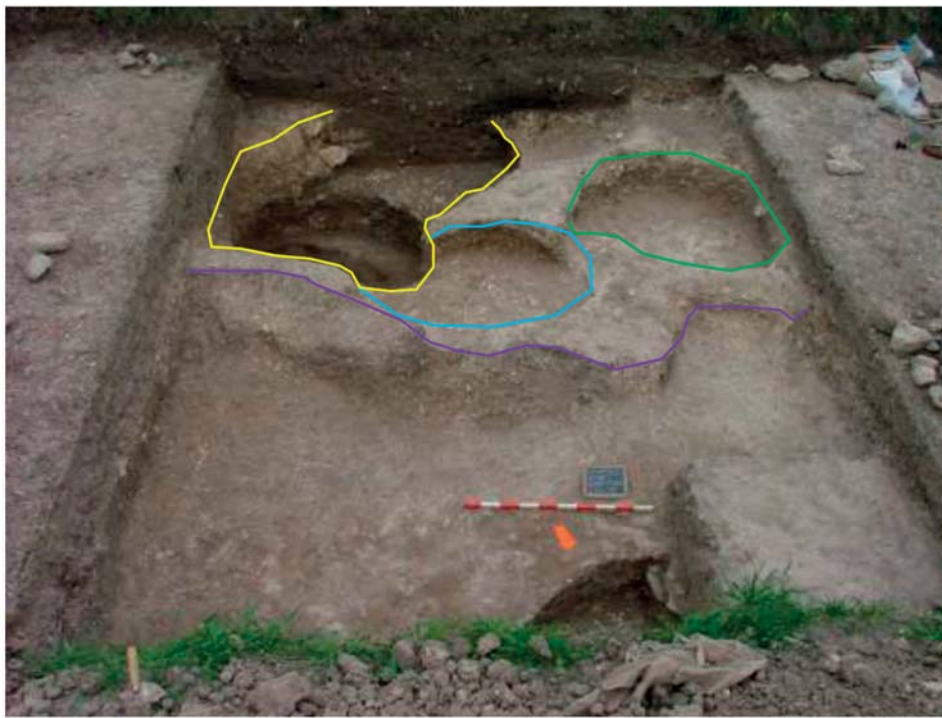
Fig. 6 – Porto Torrão: Sector 1. Em cima: definição de duas cabanas circulares, de grandes dimensões, com diâmetro de 8,5 m. [1359-1366]; Em baixo: localização das referidas estruturas em planta.



Sector 3 - Oeste



Fig. 7 – Porto Torrão: Sector 3-Oeste. Fossas [3090] e [3107]. Em cima: registo de um conjunto de hastes de cervídeo no enchimento da fossa [3090]; Ao centro: em primeiro plano, fossa [3107], também pouco profunda, com uma inumação disposta em posição flectida sob o lado direito, encontrando-se a face do crânio virada para o solo; em segundo plano, a fossa [3090], anteriormente referida, com a disposição de hastes de cervídeo, no mesmo plano altimétrico; Em baixo: localização das referidas estruturas em planta.



Sector 3 - Oeste



Fossas
[3092-3116]

Fig. 8 – Porto Torrão: Sector 3-Oeste. Fossa [3092-3116]. Em cima: aspecto do alinhamento de três fossas, delimitando a contorno amarelo a fossa [3092-3116], mais profunda que as restantes [3090] e [3107]; Ao centro: registo das diferentes camadas de enchimento da fossa [3092-3116]; Em baixo: localização da referida estrutura em planta.



Cabana
[3016-397]

Cabana
[3035]



Fig. 9 – Porto Torrão: Sector 3-Oeste. Em cima: cabana [3016-397]; Ao centro: estrutura habitacional de planta rectangular-Cabana [3035]. Em baixo: localização das referidas estruturas em planta.

Na abertura da sondagem XI recolheu-se, na camada [389], placa de cerâmica perfurada e decorada (Fig. 14, n.º 2; Fig. 21, n.º 2). A camada de enchimento [389] encontra-se associada à afectação [388], que corresponde à abertura de uma fossa nos contextos mais antigos tendo em vista a inumação [3164]. Este indivíduo encontrava-se em decúbito lateral esquerdo, com os membros superiores flectidos e os inferiores semi-flectidos, face esquerda virada para baixo, em hiperextensão, estando disposto numa orientação de 160-350°. Note-se que, nos depósitos superficiais, junto do murete [388a], que estrutura a interface de destruição [388], se recolheu parte de uma calote craniana humana (GRANJA, 2009).

Para além das fossas descritas, ocorre um outro conjunto de estruturas em negativo que aparentam corresponder a contextos de carácter essencialmente doméstico, como fundos de cabana. Trata-se de grandes estruturas parcialmente escavadas no substrato geológico, apresentando formas mais irregulares, grandes dimensões, como é o caso das estruturas [330] e [186], ou da [3089], estrutura de fundo plano que se situa imediatamente a Sul, e sensivelmente no mesmo plano altimétrico, que o conjunto de fossas anteriormente descrito [3092-3116-3107-3090]. Pode eventualmente estar-se na presença de uma sequência de abertura de várias fossas, que se vão unindo entre si, formando a base alargada de uma estrutura de maiores dimensões, como indicia a interface [3016] (Fig. 9). As peças de cunho simbólico associadas a estas realidades são um ídolo falange (Fig. 15, n.º 1; Fig. 25, n.º 5), um fragmento de um ídolo cilíndrico/bétilo (inv. 1493), um fragmento de placa de xisto (Fig. 19, n.º 1; Fig. 26, n.º 1) e o fragmento de um vaso esférico decorado (Fig. 12, n.º 2; Fig. 20, n.º 2).

Merecem especial destaque os fundos de cabana [3035] (Fig. 9) e [1359-1366] (Fig. 6) que, associados à estrutura [3035], revelam uma estrutura coerente, de desenho rectilíneo, integrando conjunto de valas/buracos de poste que compõem três compartimentos de tendência rectangular. Ao centro, identificam-se duas estruturas em negativo de desenho circular, uma estrutura de combustão e quatro buracos de poste alinhados que poderiam ter servido para a sustentação da cobertura (Fig. 9).

Em associação ao que parece um pavimento empedrado [1266], surgem os vestígios de duas cabanas [1359-1366] circulares, de desenho regular, de grandes dimensões, com um diâmetro de 8,5m (Fig. 6). Nestes contextos foram recolhidos dois fragmentos de cerâmica decorada de cunho simbólico (Fig. 13, n.º 1 e 4; Fig. 20, n.º 4).

Recolheu-se ainda outras peças associadas de forma directa a níveis de ocupação correlativos destas estruturas: uma esfera de barro (Fig. 11, n.º 2; Fig. 21, n.º 3), relacionada com a estrutura de combustão [1217] e diversos fragmentos de cerâmica decorada (Fig. 12, n.º 1 e 4; Fig. 13, n.º 5; Fig. 20, n.º 3, 5 e 8); uma concha afeiçoada de grandes dimensões (Fig. 17, n.º 3; Fig. 25, n.º 1) e um ídolo plano (Fig. 16, n.º 4; Fig. 24, n.º 3). A totalidade de estas peças provém da unidade [1292], que corresponde a uma grande concentração de material distribuído por área com cerca de 30m², sendo de sublinhar uma grande quantidade de elementos em pedra lascada, provavelmente relacionados como uma oficina de talhe.

O restante conjunto artefactual foi recolhido em depósitos que correspondem aos níveis superiores, alvo de revolvimento do sítio por trabalhos agrícolas, bem como a camadas mais profundas, relacionadas de forma mais directa com a ocupação/abandono formal dos contextos.

4 – INVENTÁRIO DOS ARTEFACTOS

Os artefactos seleccionados de natureza ideotécnica foram agrupados tipologicamente e comparados com produções conhecidas da mesma época, sem carácter sistemático nem exaustivo.

4.1 – Cerâmica simbólica

4.1.1 – Recipientes lisos (Fig. 10, n.º 1 a 7; Fig. 11, n.º 1 e 4; Fig. 21, n.º 4, 6 e 7; Fig. 22, n.º 1; Fig. 23, n.º 1)

Foram seleccionados 9 exemplares completos, diferenciados pelo seu formato e tamanho (inferior a 10 cm de diâmetro de boca), conotáveis com práticas culturais, com as seguintes proveniências:

- Fig. 10, n.º 1; Fig. 21, n.º 6 – Sector III – Sond. VIII – UE[3141] 2916;
- Fig. 10, n.º 2 – Sector III – Sond. VIII – UE[3141] 2919;
- Fig. 10, n.º 3 – Sector III – Sond. VII – UE[3189] 10491;
- Fig. 10, n.º 4; Fig. 21, n.º 7 – Sector I – Área H – UE[1267] 4136;
- Fig. 10, n.º 5 – Sector III – Sond. V – UE[384] 2869;
- Fig. 10, n.º 6 – Proveniência: UE[Sup.] 10375;
- Fig. 10, n.º 7; Fig. 21, n.º 4 – Sector III – Sond. IX – UE[374] 2866;
- Fig. 11, n.º 1; Fig. 22, n.º 1 – Sector I – Área I – UE[1249] 3519;
- Fig. 11, n.º 4; Fig. 23, n.º 1 – Sector I – Fossa 1250 – UE[1249] 10517.

Os recipientes mais comuns são as taças em calote e os que possuem corpo esférico, maioritariamente com base aplanada. São de assinalar os exemplares da Fig. 10, n.º 1 e Fig. 21, n.º 6, e o da Fig. 10, n.º 2, menos profundo que o anterior, com o bordo ligeiramente espessado internamente. De tamanho idêntico foi também recolhido um pequeno vaso de forma compósita (Fig. 10, n.º 4; Fig. 21, n.º 7), e outro de maior dimensão, de colo fechado (Fig. 11, n.º 1; Fig. 22, n.º 1).

A funcionalidade desses pequenos vasos como candeia ou queimador de incenso, é hipótese usualmente considerada, uma vez que usualmente apresentam a parede interna escurecida devido ao aquecimento e/ou queima do combustível neles introduzido. Outra evidência desta funcionalidade encontra-se no vaso munido de furos de suspensão, permitindo colocar o recipiente em local elevado, dando melhor iluminação e maior dispersão dos fumos (Fig. 10, n.º 7; Fig. 21, n.º 4). Estes recipientes seriam também provavelmente utilizados em cerimónias rituais, daí terem sido incluídos neste estudo. Esta hipótese avançada para um exemplar associado ao enterramento do indivíduo 3 do hipogeu do Monte da Comenda 3 (VALERA, 2020, Fig. 7.6). Recipiente semelhante foi recolhido nos Perdigões no ritual funerário da câmara do Sepulcro 1 (VALERA et al., 2000, Fig. 9). Outra hipótese, válida para os exemplares mais abertos e sem furos de suspensão, terá sido, dada a sua pequenez, a sua utilização como contentores de corantes ou unguentos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), eventualmente com carácter ritual, ou simplesmente utilizados como brinquedos (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025).

Todos estes recipientes se enquadram na categoria de mini-vasos, referenciados por Georg e Vera Leisner aquando da classificação de exemplares recolhidos nas Antas de Reguengos de Monsaraz como: “Grupo 1 – Vasos pequenos esféricos e esféricos-achatados” (LEISNER & LEISNER, 1951, p. 84). Encontram inúmeros paralelos em diversas necrópoles estremenhas, como na: gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002); grutas do Poço Velho (PAÇO, 1941, Est. XXIII a XXVI); dólmen de Casinhos (LEISNER, 1965, Tafel 24); Folha das Barradas (LEISNER, 1965, Tafel 34); gruta artificial de S. Paulo II (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025); grutas de S. Pedro do Estoril (LEISNER, 1965, Tafel 88); gruta da Verdinha dos Ruivos (CARDOSO, 2024, Fig. 47); Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Fig. 30); em monumentos funerários alentejanos, como nas antas da Marquesa, Portalegre (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 4, n.º 5); Arneirão, Alter do Chão (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 6, n.º 5); Torre das Arcas 1, Elvas (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 12, n.º 8); Anta Grande da Comenda da Igreja, Évora (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 26, n.º 1);

tholos da Comenda (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XII, n.º 18); Anta Grande do Olival da Pega (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXV); Anta 1 de Santa Margarida (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXXV); Anta 1 do Passo (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XIX); Anta 1 do Cebolinho (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXXIII); Anta 1 da Herdade da Farisoa (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XV); *tholos* da Herdade da Farisoa (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XVI); Anta 7 da Farisoa (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXXVIII); Anta 1 das Vidigueiras (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. VII); na gruta do Escoural (ARAÚJO, SANTOS & CAUWE, 1993). Assinala-se a ocorrência de recipientes comparáveis no recinto dos Perdigões e entre outras estações portuguesas, bem como em sepulcros megalíticos de Huelva, com destaque para os exemplares recolhidos em La Zarcita, Santa Barbara de Casa (MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, XXXVII) e em El Pozuelo, dolmen 3 (MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, XVII). Foram também registados exemplares comparáveis em povoados estremenhos, como o de Vila Nova de S. Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 11, n.º 11 a 16) e de Leceia, grupo em que se podem integrar os pequenos recipientes análogos de calcário, recolhidos em contextos do Calcolítico da mesma região (CARDOSO, 2009).

Devido às suas características, importa mencionar que o pequeno vaso de forma compósita, representado na Fig. 10, n.º 4 (Fig. 21, n.º 7), é similar a outros registados em contextos funerários, tanto da Estremadura como do sul de Portugal: na gruta artificial de S. Paulo II, Almada (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 29); S. Pedro do Estoril 1 (LEISNER; PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. H, n.º 3; LEISNER, 1965, Tafel 89; GONÇALVES, 2003, Fig. 4.18, n.º 3); Horta Velha do Reguengo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 9, 6.6); Brissos 1 e Brissos 6 (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 21, 1.14; Tafel 22, 1.28); anta do Curral da Castelhana, no Alto Algarve Oriental, no *tholos* do Monte do Outeiro, Ourique, e no *tholos* OP2b, em Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, 2003, Est. 31). O exemplar, ligeiramente maior, representado na Fig. 11, n.º 1 (Fig. 22, n.º 1) encontra paralelo num recipiente, também ele muito fracturado, recolhido em La Zarcita, Santa Barbara de Casa (MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, LXXXIII, n.º 3).

Por último, importa mencionar um outro recipiente liso, completo, de boca elipsoidal, ligeiramente fechado e de base aplanada (Fig. 11, n.º 4). Apresenta coloração anegrada e avermelhada, com as superfícies interna e externa bastante cuidadas, polidas e alisadas (Fig. 23, n.º 1). Foi recolhido numa estrutura negativa, de tipo fossa, a uma cota intermédia, junto a um vasto espólio artefactual enquadrável cronologicamente em época Calcolítica, associado a enterramento efectuado na base da referida estrutura (NETO et al., 2013) (Fig. 4). Possui paralelos em recipientes lisos, por vezes almagrados, representados no Centro e Sul de Portugal, em diversos tipos de sepulcro (grutas, antas e hipogeus) em contextos do Neolítico Médio/Final, inicialmente referidos, em 1959 (ALMEIDA & FERREIRA, 1959), cuja distribuição se apresenta da forma seguinte (PEREIRA, 1976/1977, Est. VII):

- um exemplar do abrigo da Eira Pedrinha (Condeixa);
- dois exemplares da gruta natural da Salvé Rainha (Serra do Montejunto);
- um exemplar da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos), também referido em artigo mais recente sobre o estudo exaustivo dos materiais da estação arqueológica (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 29, n.º 8);
- três exemplares da Lapa da Galinha (Torres Novas), referidos em 1959, por F. de Almeida e O. da V. Ferreira (ALMEIDA & FERREIRA, 1959); e posteriormente em 2020 em trabalho académico, como “Forma aberta A2 – Taça de boca elíptica” (VAN CALKER, 2020, estampa 49, 53, Fig. 13);
- dois exemplares da gruta artificial das Lapas (Torres Novas) referidas também em trabalho académico (VAGUEIRO, 2016, Est. 12; Est. 20);

- um exemplar da Lapa dos Namorados (Pedrógão, Torres Novas) (CARVALHO et al., 2000, Fig. 4);
- um exemplar da gruta dos Penedos (Ponte de Lousa, Loures); posteriormente foram referidos quatro exemplares de taças de boca elíptica nesta gruta, atribuídos a contextos do Neolítico Final (HARPSØE & RAMOS, 1987);
- um exemplar da Grutas do Poço Velho (Cascais) (PEREIRA, 1976/1977);
- dois exemplares da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); foram incluídos nas cerâmicas almagradas devido ao tratamento que estas apresentavam (ARAÚJO, SANTOS & CAUWE, 1993, Est. VI). Os mesmos autores também fazem referência a 15 pequenos vasos de boca oval (ARAÚJO, SANTOS & CAUWE, 1993, p. 69).
- um exemplar da Anta Grande da Ordem (Avis, Alentejo);
- três exemplares da Anta 1 do Couto da Biscaia (Crato, Alentejo) (ISIDORO, 1967; PEREIRA, 1976/1977);
- um exemplar da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja) (PEREIRA, 1976/1977);

Face ao inventário apresentado, que não é exaustivo, verifica-se que este tipo de vasos está presente em contextos do Neolítico Médio, em pequenos sepulcros ortostáticos simples, como as antas 4 e 7 do Deserto e 2 da Lobeira de Cima (GONÇALVES & ANDRADE, 2020), ou em grutas naturais, como a Lapa dos Namorados, Escoural e possivelmente Salvé Rainha (CARVALHO et al., 2000; ARAÚJO & LEJEUNE, 1995; PEREIRA, 1976/1977). Contudo, deverá ser notada a sua ocorrência em contextos já do Neolítico Final/Calcolítico Inicial, como nas antas 1 da Ordem, 1 da Moita e Tapadão da Relva, no sepulcro de falsa cúpula da Praia das Maças, no hipogeu das Lapas ou na gruta da Lapa da Galinha (conforme indicado em MATALOTO, ANDRADE & PEREIRA, 2016/2017, p. 103). Esta morfologia, por oposição aos povoados, encontra-se presente de forma sistemática em contextos funerários, geralmente completos ou quase completos, no entanto à que ter em conta o grau de fragmentação presente nas coleções dificultando a identificação deste tipo de vaso.

Após nova intervenção na gruta da Bugalheira (Torres Novas), na denominada Sala do Ricardo, foi recuperado um vaso inteiro, “tipo Montbolo”, de forma globular e boca elíptica (RODRIGUES & ZILHÃO, 2021, Fig. 2, n.º 1). As quatro datações absolutas disponíveis para a Sala do Ricardo indicam que a utilização daquele espaço como necrópole decorreu na primeira metade do quarto milénio a.C., durante o Neolítico Médio.

Foi recentemente recolhido também um exemplar completo nas escavações arqueológicas realizadas na Anta do Paço da Abrançalha, Abrantes (CARDOSO, MARTINS & TAVARES, 2026).

Para além do território português a ocorrência deste tipo de recipientes foi assinalada no núcleo megalítico de Gorafe, Granada, e na necrópole de Llano de El Jautón, Almeria.

No Norte de África, são conhecidos exemplares análogos, frequentemente executados em pedra polida, em Souk el Khmis des Ait Ouahi, Marrocos (BOLELLI, MARCAIS & PASCON, 1956; PUIGAUDEAU & SENONES, 1967). A presença de exemplares de ambos os lados do estreito de Gibraltar, sugere a existência de contactos marítimos entre as duas margens em tempos neolíticos, que prosseguem e se intensificam nos tempos calcolíticos, como atesta a existência de vários artefactos de marfim no sul da Península e de vasos campaniformes no Marrocos Atlântico (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

Foi mencionado por vários autores a afinidade deste tipo de recipientes com os chamados vasos zoomórficos, de morfologia alongada/elíptica, correspondente à parte destinada à contenção, com os exemplares da gruta do Carvalhal de Turquel (Alcobaça), do povoado fortificado de Oleias (Sintra) (ALMEIDA & FERREIRA, 1959; CARDOSO, 1996), e o exemplar da gruta artificial de S. Paulo (Almada), representando uma porca, cujo carácter simbólico é evidente (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 6, n.º 6; CARDOSO,

MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 68, n.º 1; Fig. 104). Outros autores indicam a possibilidade de se tratarem da representação de barcas sagradas do Calcolítico, tendo como prova/defesa o recipiente oval, do tipo tigela, recolhido em Cueva de los Cuarenta (Priego de Córdoba), e um recipiente cerâmico com figura de animal (ave) numa das pontas, recolhido no Dolmen del Vaquero (Alcalá de Guadaíra, Sevilla) (ESCACENA CARRASCO & BELLE, 2025).

No quadro das produções cerâmicas mais tardias existem paralelos, de acordo com algumas características, mantendo o contorno elipsoidal, que sugerem representações coroplásticas de embarcações. É o caso de fragmento de recipiente naviforme, correspondendo provavelmente a representação de embarcação de quilha bem marcada e proa (ou popa) sobrelevada, recolhido na estação do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras) (CARDOSO, 2010/2011, Fig. 22, n.º 3; Fig. 29); e nos fragmentos modelados em argila encontrados nas escavações do estabelecimento da Idade do Ferro da Rua dos Correiros (Lisboa) (SOUSA, 2011, Est. 187).

4.1.2 – Recipientes decorados com motivos e organizações simbólicas

Foram seleccionados para este estudo 13 fragmentos de recipientes decorados por motivos e organizações específicas consideradas simbólicas, tais como: triângulos invertidos preenchidos por pontos, frequentemente com pasta branca; um fragmento com motivos radiados (solares), e vários fragmentos com elementos plásticos (Fig. 12, n.º 1 a 5; Fig. 13, n.º 1 a 6; Fig. 14, n.º 1 e 3; Fig. 20, n.º 1 a 8; Fig. 21, n.º 1).

Tais peças foram classificadas individualmente da seguinte forma:

- fragmento de bojo, de forma indeterminada, decorado com motivo solar, realizado por círculo e traços radiais; associa-se à presença de mamilo pequeno, com pouco relevo e ao que parece ser um triângulo preenchido por ponteados. No topo da organização, apresenta traços incisos “espinhados”. As técnicas utilizadas são a conjugação da impressão e da incisão, verificando-se a incrustação de pasta branca (Fig. 12, n.º 1; Fig. 20, n.º 5) – Proveniência: Sector I – Área J-B6 – [1292] 6497;
- fragmento de bordo de recipiente esférico com aplicação de pequenos mamilos junto ao bordo (Fig. 12, n.º 2; Fig. 20, n.º 2) – Proveniência: Sector I – Área G – [185] 4722;
- fragmento de bojo de vaso globular com decoração organizada em banda horizontal de triângulos, preenchidos por pequenas impressões, com incrustação de pasta branca, associados a pequena canelura (Fig. 12, n.º 3) – Proveniência: Sector I – Área I – [138] 4672;
- fragmento de bojo, perto do fundo de recipiente, com decoração interna com traços incisos convergentes, que poderá ser interpretado como possível motivo solar radiado (Fig. 12, n.º 4; Fig. 20, n.º 3) – Proveniência: Sector I – Área J-B4 – [1292] 6206;
- fragmento de bordo de grande vaso com decoração de triângulos formados por linhas zigzagueantes paralelas incisivas, preenchidos por impressões, formando bandas horizontais, estando os motivos da banda inferior em situação invertida relativamente aos da banda superior. Os vértices dos triângulos das duas bandas não se tocam (Fig. 12, n.º 5; Fig. 20, n.º 7) – Proveniência: Sector I – Área H – [1237] 3734;
- fragmento de bordo de recipiente com decoração organizada em banda horizontal de triângulos, por vezes formados por linhas zigzagueantes incisivas, preenchidos ou não por pequenas impressões, associados a uma pequena canelura junto ao bordo (Fig. 13, n.º 1; Fig. 20, n.º 4) – Proveniência: Sector III – Sond. V – [3058] 9204;

- fragmento de bordo de vaso globular com decoração organizada em banda horizontal de triângulos, preenchidos por pequenas impressões, associados a pequena canelura junto ao bordo (Fig. 13, n.º 2) – Proveniência: Sector I – Área I – [138] 4672;
- fragmento de bojo, com decoração de grandes triângulos preenchidos por pequenas impressões circulares, com incrustação de pasta branca (Fig. 13, n.º 3; Fig. 20, n.º 1) – Proveniência: Sector I – Área J – [1423] 8522;
- fragmento de bojo, com decoração de grandes triângulos formados por linhas incisivas preenchidos por pequenas impressões, associados a canelura (Fig. 13, n.º 4) – Proveniência: Sector I – [1266] 3797;
- fragmento de bojo com decoração de triângulos, preenchidos por pequenas impressões, com incrustação de pasta branca (Fig. 13, n.º 5; Fig. 20, n.º 8) – Proveniência: Sector I – Área J – [1292] 6692;
- fragmento de bojo de grande vaso com carena, com decoração de triângulos alternados separados por faixa não decorada, preenchidos por pequenas impressões, formando bandas horizontais, estando os motivos da banda inferior em situação invertida relativamente aos da banda superior. Os vértices dos triângulos das duas bandas não se tocam (Fig. 13, n.º 6) – Proveniência: Sector III – Sond. V – [3214] 9935. Este exemplar encontra paralelo num recipiente recolhido em El Guadalperal, Cáceres (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 56, 120);
- fragmento de bordo de vaso globular munido de elementos plásticos, ligeiramente alongados ao longo do bojo (Fig. 14, n.º 1; Fig. 21, n.º 1) – Proveniência: Sector I – Área J – [1249] 5312;
- fragmento de bordo de vaso de paredes sub-verticais, com sequência de triângulos, preenchidos por pequenas impressões, com incrustação de pasta branca, formando bandas horizontais, junto ao bordo, estando os motivos da banda inferior em situação invertida relativamente aos da banda superior. Os bicos dos triângulos das duas bandas não se tocam (Fig. 14, n.º 3; Fig. 20, n.º 6) – Proveniência: Sector III – Sond. IX – [311] 2831.

São escassos os paralelos calcolíticos estremenhos conhecidos, destacando-se exemplares do povoado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), onde se recolheu um fragmento vaso de paredes sub-verticais e bordo simples ostentando abaixo do bordo decoração de triângulos alternados separados por faixa não decorada. O interior dos triângulos encontra-se preenchido por depressões circulares preenchidas de pasta branca (CARDOSO, 2014, Fig. 46, n.º 2).

Do povoado do Penedo do Lexim provém fragmento de taça em calote, com decoração na parte média de triângulos invertidos preenchidos interiormente por pontos (SOUSA, 2010, Fig. 107, n.º 1) (Fig. 28).

Com a particularidade de ostentarem preenchimento de pasta branca destacam-se vários fragmentos de cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado aberto de Freiria (Cascais), com a intenção de acentuar o efeito decorativo, por contraste cromático produzido com a coloração, muito mais escura, dos próprios recipientes (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, Fig. 7, n.º 7 e 9; Fig. 15, n.º 12; Fig. 20, n.º 3; Fig. 22, n.º 3 e 16; Fig. 25, n.º 3 e 15; Fig. 29, n.º 13; Fig. 31, n.º 9; Fig. 33, n.º 17; Fig. 39, n.º 11; Fig. 40, n.º 13).

Para o Calcolítico do sul de Portugal são conhecidos os exemplares cerâmicos decorados da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz), composto por fragmentos de pelo menos quatro vasos esféricos, possuindo decoração de triângulos alternadamente dispostos em torno da abertura (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXX, n.º 6, 11 e 12), alguns deles preenchidos por pasta branca (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. 60, n.º 1).

Outros dois fragmentos semelhantes provêm do povoado calcolítico do Cerro do Castelo de Corte João Marques (Alcoutim). Também estes ostentam triângulos preenchidos interiormente por depressões punctiformes, atribuíveis a decorações simbólicas (GONÇALVES, 1989, vol. 2, Est. 27 e Est. 156).

De facto, o cunho simbólico deste padrão decorativo encontra-se demonstrado pelo facto de o mesmo se associar frequentemente a representações antropomórficas da deusa calcolítica (olhos, tatuagens faciais, sobrancelhas, como se verifica nos exemplares da Anta Grande do Olival da Pega e da Anta Grande do Zambujeiro (Évora), cujos espólios se encontram expostos no Museu de Évora. A este propósito, tenha-se presente o conhecido vaso completo do *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel), o qual, para além da representação antropomórfica patente num dos lados, exhibe duas bandas de triângulos alternados no lado oposto, em tudo idênticas aos exemplares em estudo (LEISNER, 1965, Tafel 128, n.º 1; Tafel 168).

Referência também ao bordo de vaso com as figurações da Deusa calcolítica, reunindo todos os atributos da face – sobrancelhas, olhos radiados, nariz com representação das narinas, “tatuagens” faciais, boca e queixo, recolhido na Sala n.º 1, Pedrogão do Alentejo, datado do meados do 3.º milénio a.C. (GONÇALVES, 2022, Fig. 14).

Assinalam-se ainda os fragmentos cerâmicos com motivos radiados recolhidos no recinto de fossos dos Perdigões, a par de triângulos invertidos preenchidos por pontos e frequentemente preenchidos com pasta branca, presentes dentro e fora de espaços funerários (VALERA, 2018; 2021) (Fig. 28).

O fragmento representado na Fig. 12, n.º 1 (Fig. 20, n.º 5), possui paralelo em outros recipientes com decorações solares, ou corpos celestes, tais como: o fragmento decorado por motivos radiados proveniente de Leceia (CARDOSO, 1982, Est. X, n.º 125); a taça miniatural completa do povoado do Outeiro de S. Mamede (Bombarral), com a representação de um corpo irradiante, compatível com um cometa ou estrela cadente (meteorito) (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 53, n.º 3; CARDOSO & ANDRÉ, 2005); o recipiente completo, decorado com temática simbólica, recolhido nos Perdigões, no átrio do Sepulcro 2 (VALERA et al. 2000, Fig. 13; VALERA, 2018); e as cerâmicas calcolíticas com decoração simbólica, proveniente do Sudeste peninsular: Cova del Montgó, Xàbia (Alicante) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 2-6); La Encantada (Almizaraque); La Encantada 3 (Almizaraque); Los Millares I; Los Millares 21; Los Millares 2; Los Millares 7 (GONÇALVES, 1989, Fig. 4.57).

O fragmento com decoração interna, representado na Fig. 12, n.º 4 (Fig. 20, n.º 3) encontra paralelos num exemplar com decoração interna no povoado de Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. 27, n.º 6) (Fig. 28); num fundo interno de recipiente (prato) com representação radiada brunida, recolhido no Cerro do Castelo de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, vol. 2, Est. 51; Est. 233); e num prato com decoração interna serpentiforme executada por caneluras largas e pouco profundas, desde o bordo até o fundo, o qual seria delimitado por uma circunferência parcialmente visível, recolhido na gruta artificial de S. Paulo II, Almada (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 31, n.º 3).

Merecem ainda registo os elementos plásticos recolhidos no conjunto cerâmico do Porto Torrão agora inventariado, onde avultam mamilos simbólicos junto ao bordo, de contorno circular (Fig. 12, n.º 2; Fig. 20, n.º 2), ou no bojo de grandes recipientes globulares, ligeiramente alongados (Fig. 14, n.º 1; Fig. 21, n.º 1), e associados a outras decorações simbólicas (Fig. 12, n.º 1; Fig. 20, n.º 5). Encontram paralelo em vários vasos esféricos, de pequenas dimensões, com mamilos imediatamente abaixo do bordo, formando, em alguns casos, uma fila ininterrupta, como os recolhidos na Anta Grande do Olival da Pega, bem como em fragmentos de parede de vasos, agrupados por Gerog e Vera Leisner no seu Grupo 11 – Mamilos decorativos e simbólicos (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXIX).

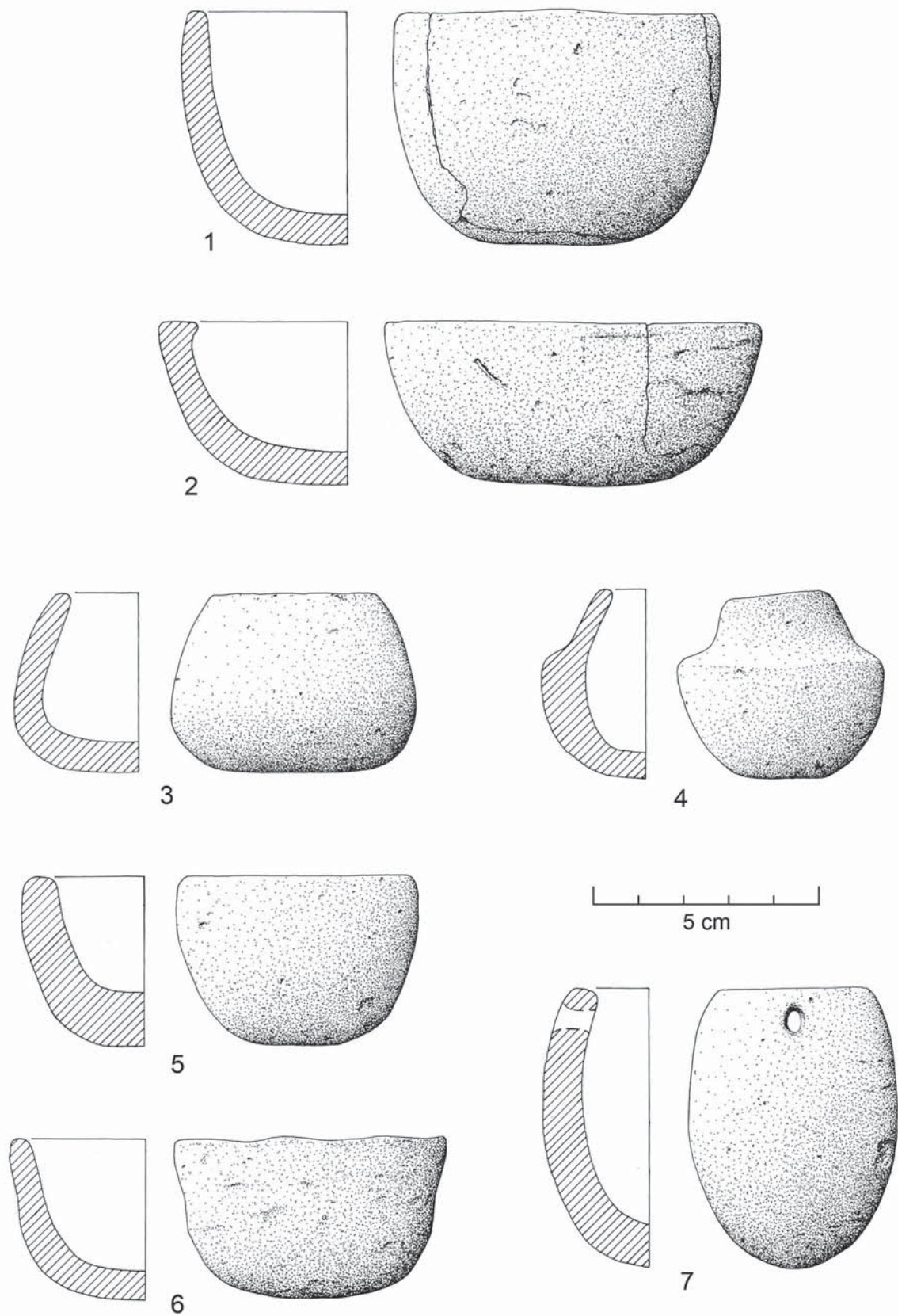


Fig. 10 – Porto Torrão. Recipientes cerâmicos lisos de pequenas dimensões. Desenhos de Filipe Martins.

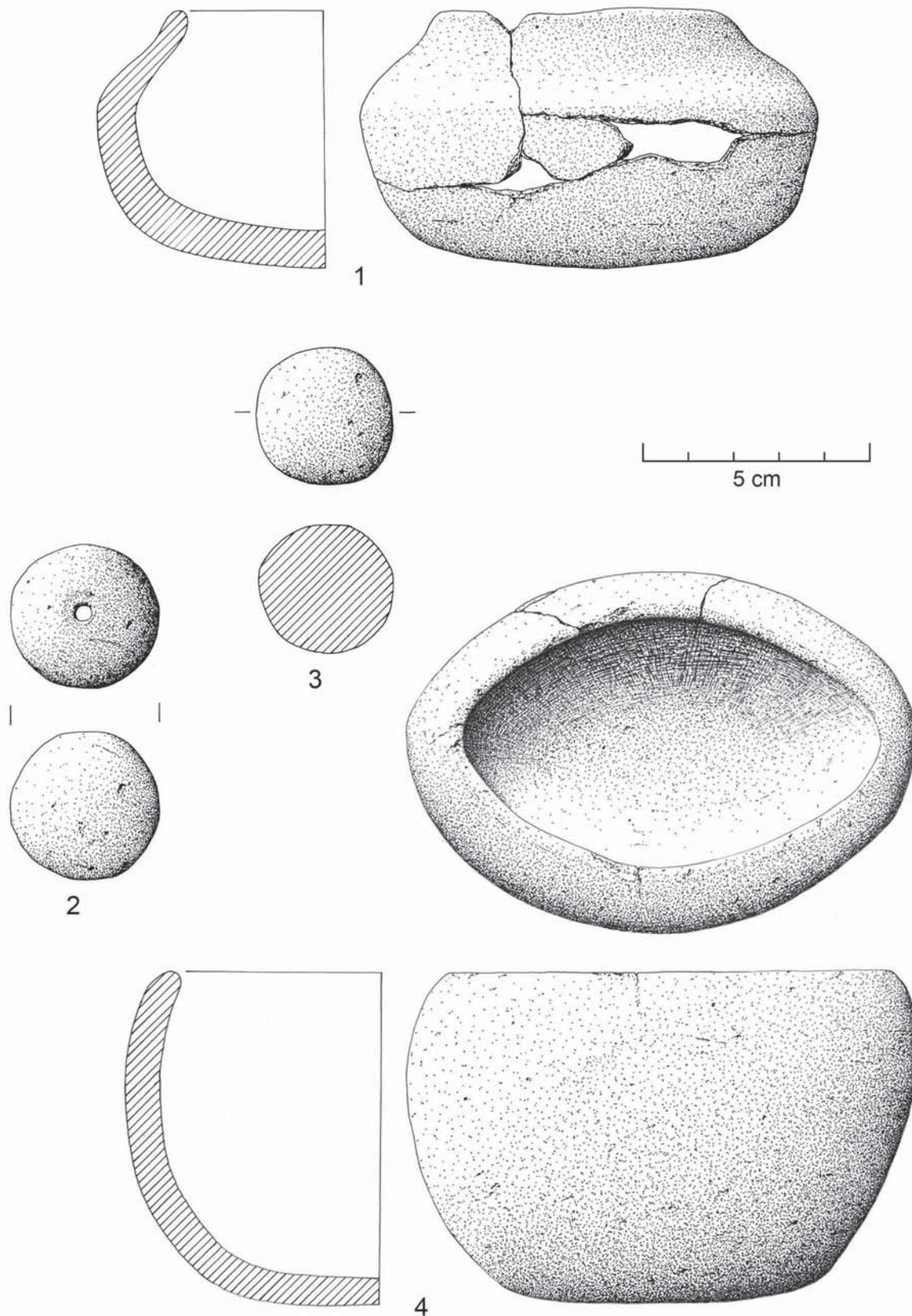


Fig. 11 - Porto Torrão. 1 - recipiente cerâmico liso; 2 e 3 - esferas de barro; 4 - vaso de boca elipsoidal. Desenhos de Filipe Martins.

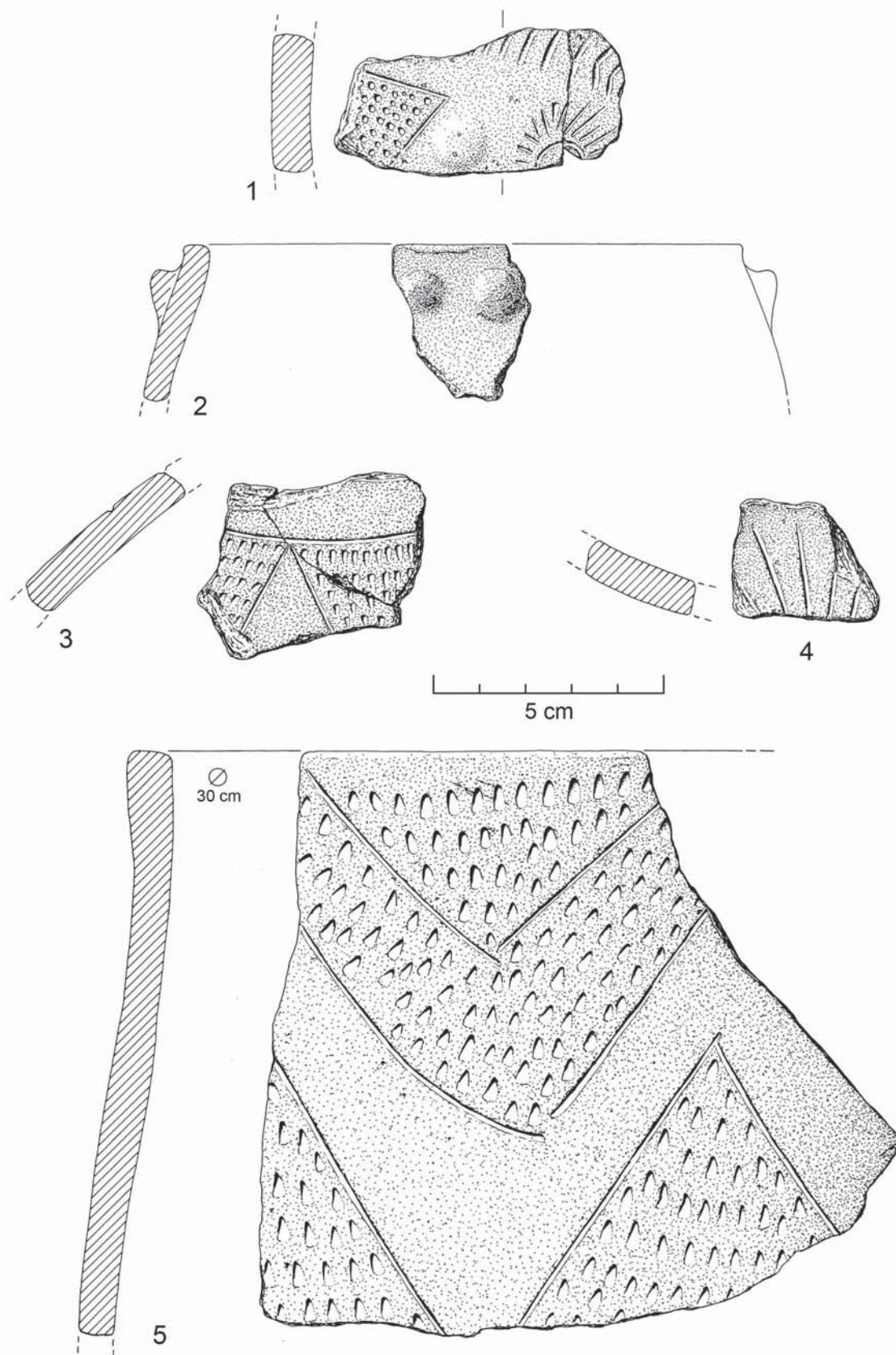


Fig. 12 - Porto Torrão. Cerâmicas decoradas com motivos e organizações simbólicas. Desenhos de Filipe Martins.

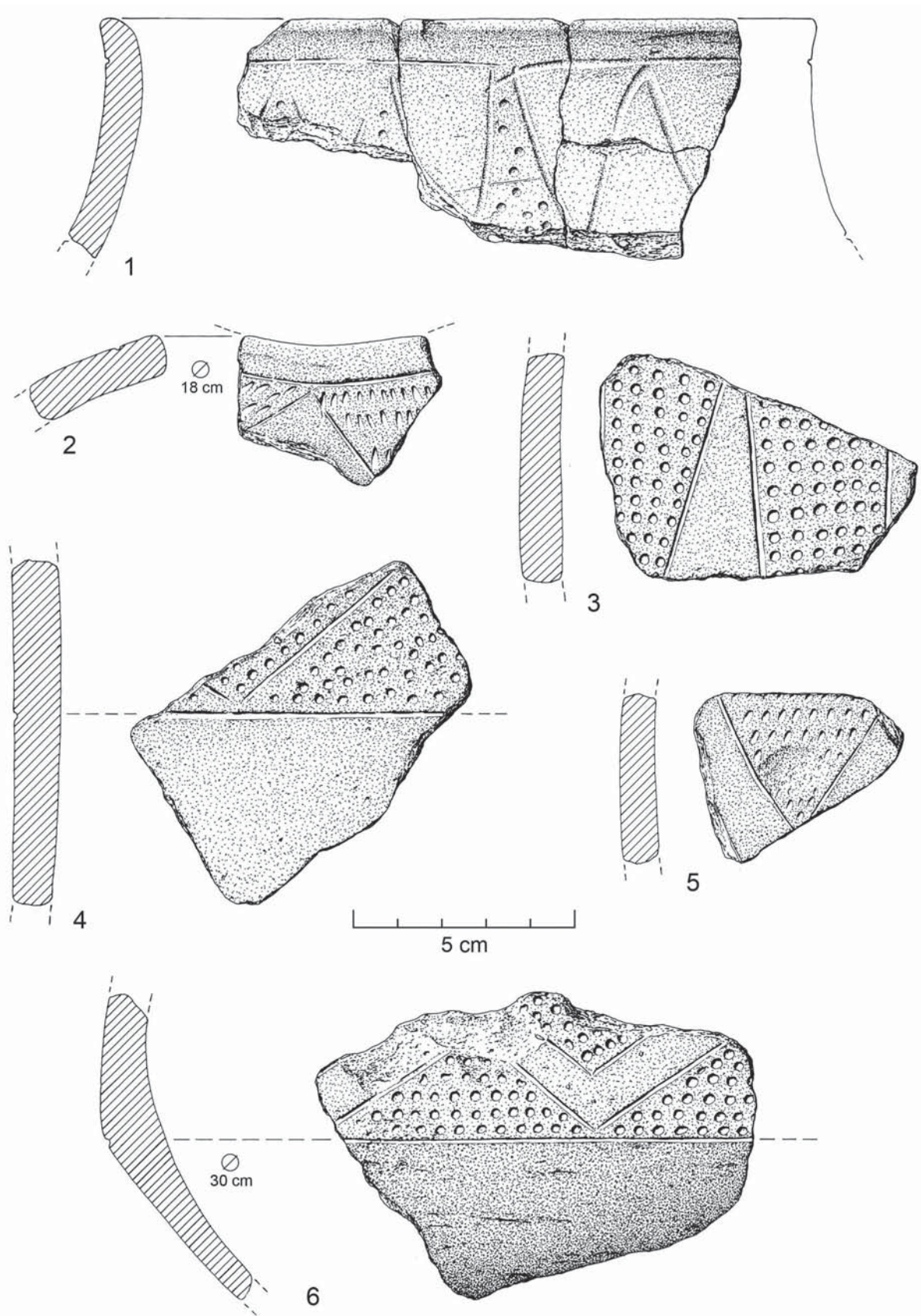


Fig. 13 – Porto Torrão. Cerâmicas decoradas com motivos e organizações simbólicas. Desenhos de Filipe Martins.

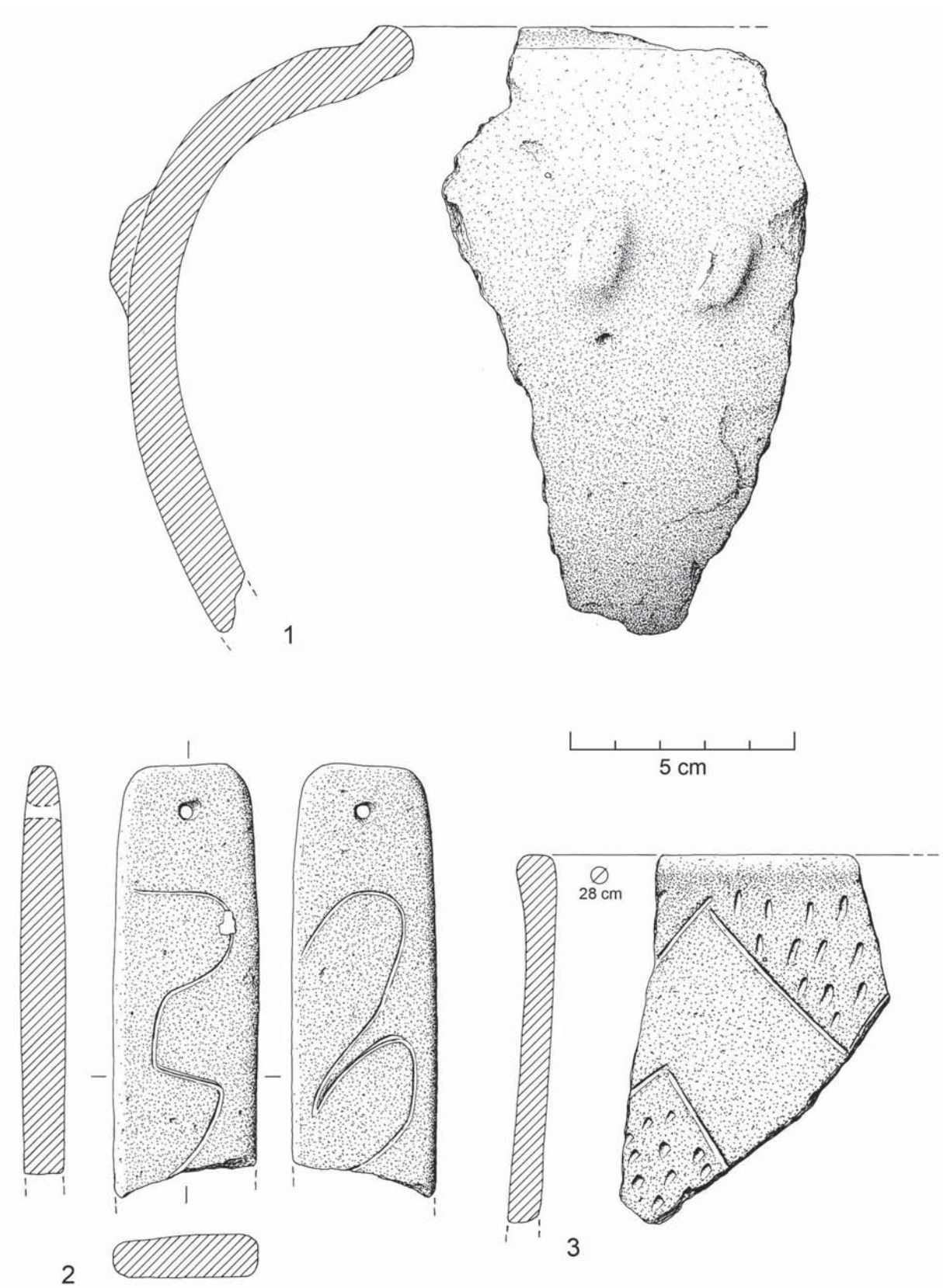


Fig. 14 – Porto Torrão. 1 e 3 – Cerâmicas decoradas com motivos e organizações simbólicas; 2 – placa cerâmica perfurada decorada.
Desenhos de Filipe Martins.

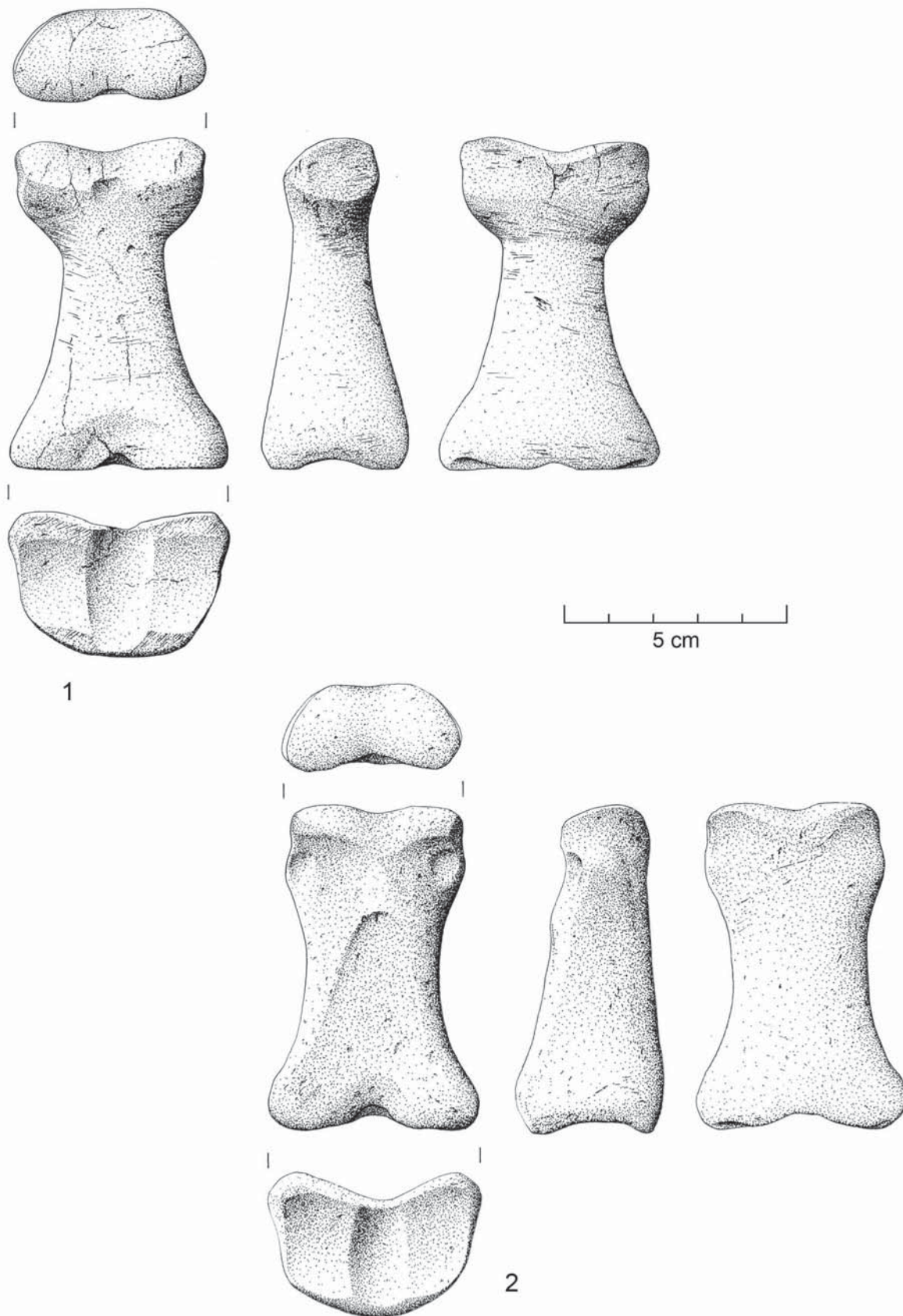


Fig. 15 – Porto Torrão. Ídolos-falange com morfologia antropomórfica, trabalhados sobre uma primeira falange de cavalo (*Equus caballus*). Desenhos de Filipe Martins.

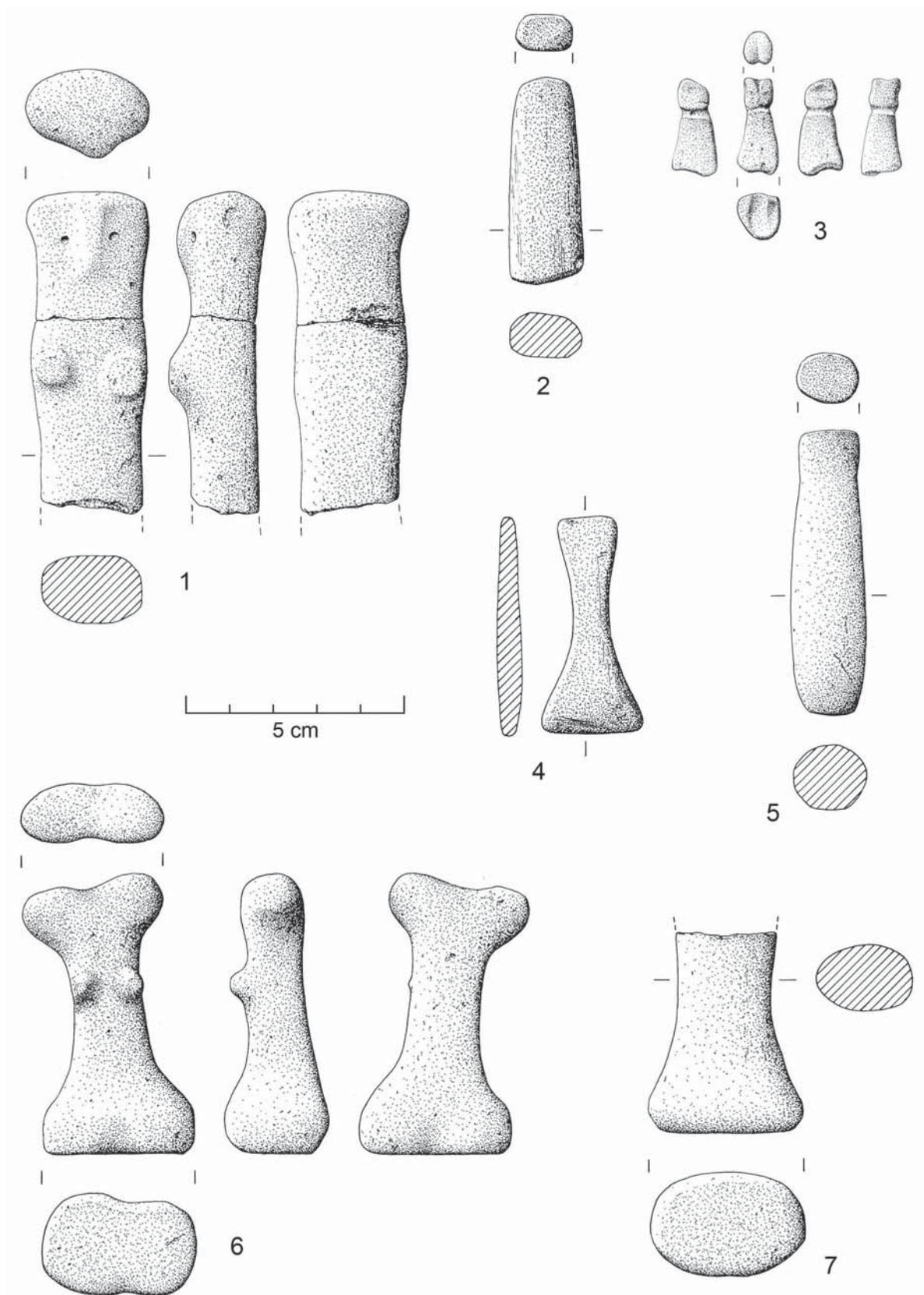


Fig. 16 – Porto Torrão. 1, 6 e 7 – Figuras antropomórficas em barro; 2 – “baguette” em calcite; 3 – Ídolo-falange com morfologia antropomórfica, trabalhado sobre uma primeira falange de suídeo (*Sus* sp.); 4 – ídolo-plano de xisto; 5 – ídolo-gola de calcário. Desenhos de Filipe Martins.

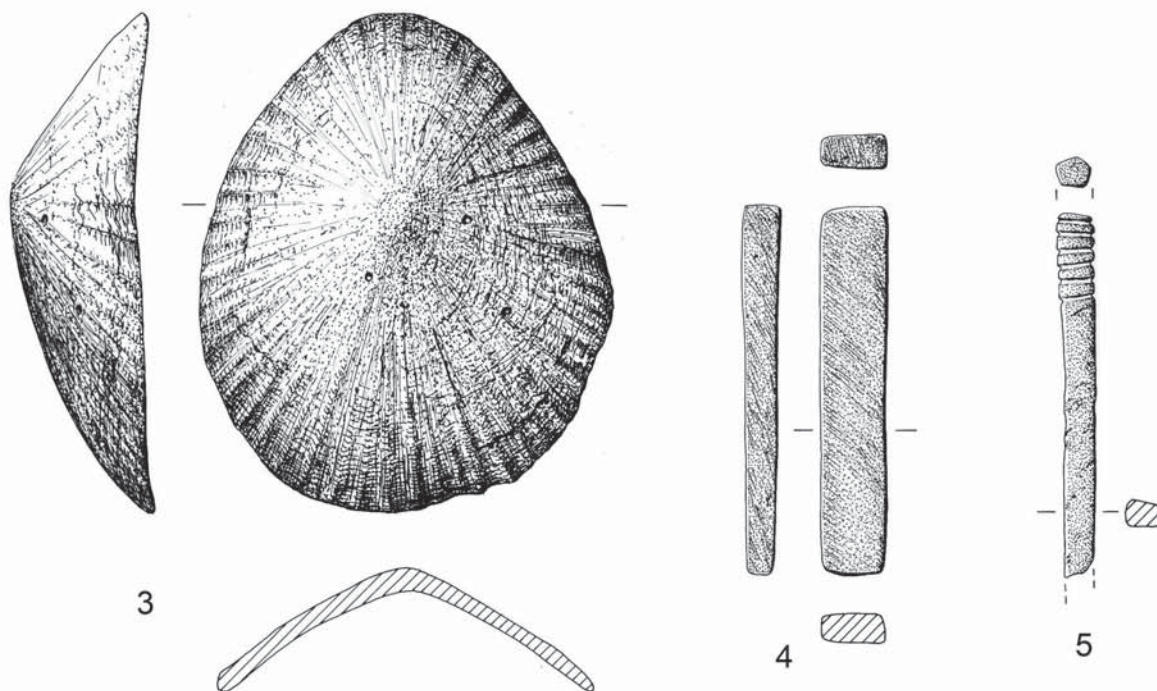
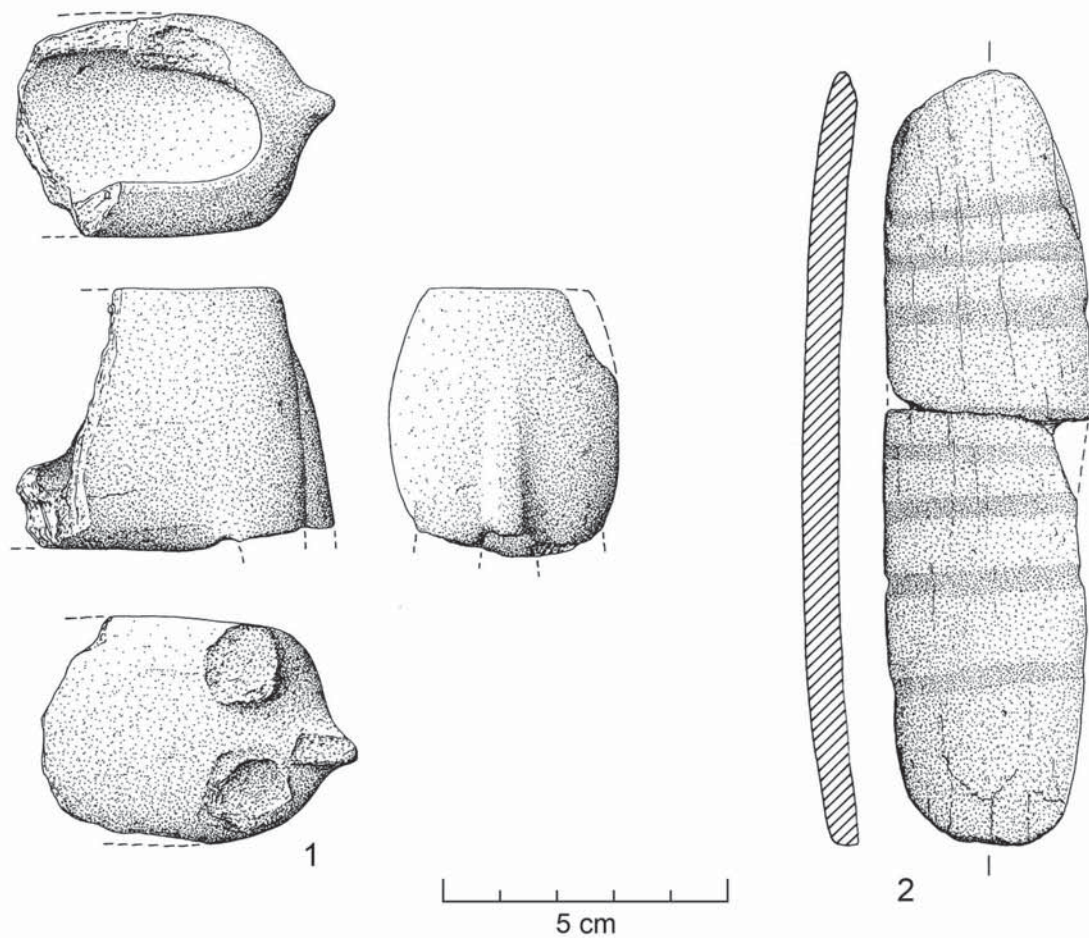


Fig. 17 – Porto Torrão. 1 – Recipiente cerâmico zoomórfico; 2 – fragmento de osso de costela afeiçoada e decorada; 3 – Concha afeiçoada de grandes dimensões (*Patella safiana*); 4 – “baguette” de osso; 5 – alfinete maciço de osso, decorado com caneluras. Desenhos de Filipe Martins.

4.1.3 – Placa de barro rectangular perforada e decorada

Foi recolhido um fragmento de placa incompleta de barro, sub-rectangular, com arestas e cantos arredondados, munida apenas de um furo, provavelmente em ambas as extremidades, com decoração em ambos os lados de motivos sinuosos incisos, relacionados provavelmente com o trabalho têxtil (Fig. 14, n.º 2; Fig. 21, n.º 2). Proveniência: Sector III – sondagem XI – UE [389] 2872.

A tipologia desta placa integra o Tipo P-I.2.2A do catálogo de formas rectangulares definidas por Catarina Costeira (COSTEIRA, 2010, Tabela 2), identificadas no povoado calcolítico de São Pedro (Redondo), e com dispersão bem definida no sudoeste peninsular (COSTEIRA, 2010, Fig. 50).

Exemplares decorados com linhas onduladas, ou zigue-zagues horizontais são conhecidos em povoados calcolíticos estremenhos, embora correspondam a grupo tipológico diferente, pois apresentam por norma quatro furos em cada extremidade; além de Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945), sem dúvida aquele onde se recolheu o mais numeroso conjunto de tais peças, podem mencionar-se, sem preocupações exaustivas, exemplares nos povoados calcolíticos fortificados da Pedra de Ouro (GOMES & DOMINGOS, 2005, p. 119), Moita da Ladra (CARDOSO, 2014, Fig. 48, n.º 2; Fig. 49, n.º 2 e 4), Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019, Fig. 141, n.º 15; Fig. 142, n.º 2 e 9); e Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 68, n.º 1).

A presença de tais linhas onduladas foi relacionada com a água corrente, a qual teria um papel determinante na preparação de certas fibras animais ou vegetais, destinadas a fiação, como o linho, já utilizado na época (PAÇO & ARTHUR, 1953). Recorde-se que esta conotação de linhas onduladas à água e ao linho foi de há muito proposta, a propósito de um exemplar recolhido em Leceia (CARDOSO, 1981; 1982, Est. X, n.º 123) e de outro, recolhido na Camada 3, atribuída ao Calcolítico Inicial (CARDOSO, 2006, Fig. 93, n.º 2) do mesmo povoado fortificado.

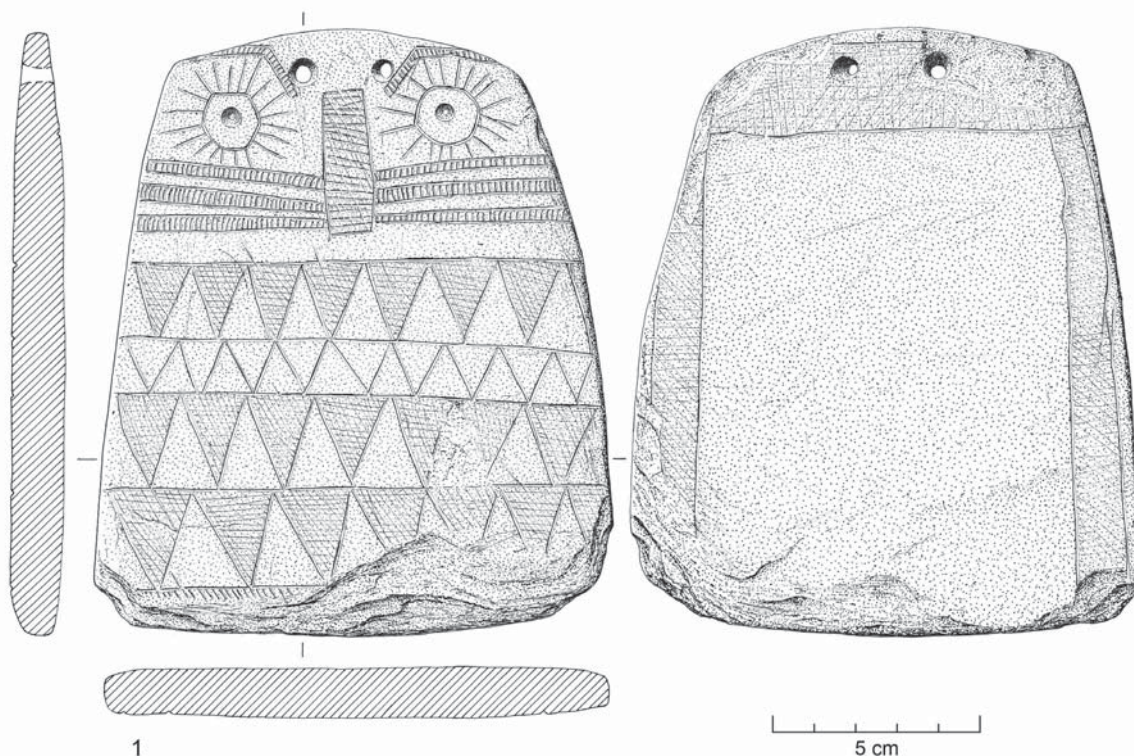


Fig. 18 – Porto Torrão. Placa de xisto completa com representações oculares radiadas. Note-se a existência de fractura antiga ao longo de todo o bordo inferior da placa, atingindo o campo decorado, posteriormente regularizada por polimento. Desenho de Filipe Martins.

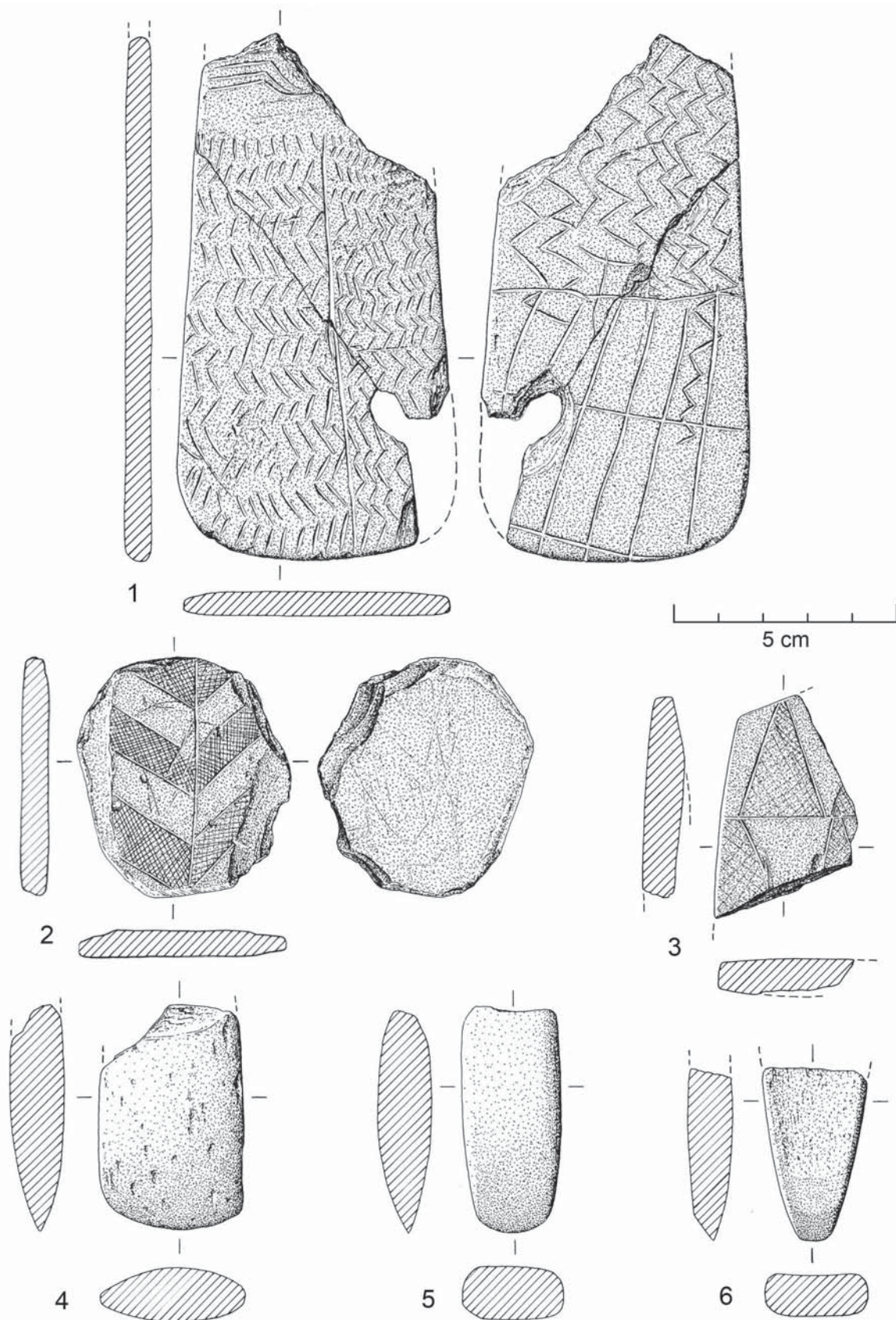


Fig. 19 – Porto Torrão. 1 – Placa de xisto gravada de ambos os lados e fragmentada no topo da peça; 2 – fragmento de placa de xisto reutilizada, de contorno sub-circular; 3 – fragmento de placa de xisto gravada; 4, 5 e 6 – Artefactos de pedra polida de pequenas dimensões. Desenhos de Filipe Martins.

O significado destas decorações, que se afastam claramente das que são usuais, na mesma época, nas restantes produções cerâmicas e, ao mesmo tempo, a forma apressada, mesmo aparentemente descuidada, com que são produzidas, sublinha o seu carácter simbólico, valorizando o significado, mais do que a qualidade formal.

O facto de existirem exemplares que, repetidamente, representam motivos respeitantes ao mesmo código simbólico, leva a considerar que estes possuem um significado permanente, sendo compreendido por todos, não ocorrendo por mero capricho ou desígnio do ceramista.

Tais motivos encontram-se raramente em recipientes recolhidos em contextos do Calcolítico Inicial de alguns dos povoados já referidos, tais como Leceia, na Camada 3 (CARDOSO, 2006, Fig. 57, n.º 1; Fig. 81, n.º 16; Fig. 85, n.º 9) ou Outeiro Redondo, também na Camada 3 (CARDOSO, 2019, Fig. 138, n.º 4).

O exemplar agora apresentado encontra ainda paralelos em Espanha, em exemplares do povoado de Terrera-Ventura (Tabernas, Almeria) (GUSI & OLARIA, 1991, Fig. 115, n.º 1 e 2; Fig. 116, n.º 3 e 5).

4.1.4 – Esferas de barro

Recolheram-se duas esferas de barro: uma perfurada (Sector 1, Sond./Área H, UE [1216] 10455) (Fig. 11, n.º 2; Fig. 21, n.º 3) e outra não perfurada (Sector 1, Sond./Área J, UE [1409] 8441) (Fig. 11, n.º 3; Fig. 21, n.º 5).

Compulsaram-se vários paralelos comparáveis: quatro exemplares na Camada 2 no povoado do Outeiro Redondo (Sesimbra) (CARDOSO, 2019, Fig. 53, n.º 4; Fig. 145, n.ºs 4 a 6); três exemplares no povoado do Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 70, n.ºs 4 a 6), tendo estes sido atribuídos a contas de colar; e oito exemplares, variando a sua forma entre a esférica e a toneliforme alongada, no povoado metalúrgico calcolítico de Cabezo Juré (Huelva) (NOCETE *et al.*, 2004, Fig. 8.54), os quais foram dados como relacionados com a tecelagem.

É de referir a existência de exemplares esféroides de tamanhos/diâmetros idênticos, maciços, sem perfuração, mas executados em rocha calcária recolhidos na Gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. n.º 2 a 4) e interpretados como balas de funda, ou adaptados como pequenos moventes para a trituração de matérias macias como corantes (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

4.1.5 – Figurinhas antropomórficas de barro

Foram recolhidas três peças integradas nesta categoria, todas de pequenas dimensões:

- fragmento com nariz, olhos e seios (Fig. 16, n.º 1; Fig. 24, n.º 7). Proveniência: Sector 1, Sond./Área J, UE [1349] 8027, enchimento da fossa;
- exemplar com tronco, cilíndrico, com exibição dos seios. Na parte superior apresenta duas saliências laterais e a base é espessa e oval. A sua configuração revela clara imitação com os ídolos-falange, assemelhando-se a uma primeira falange de cavalo polida (Fig. 16, n.º 6; Fig. 24, n.º 5). Esta particularidade encontra paralelos em exemplares fracturados recolhidos no povoado calcolítico fortificado do Monte da Tumba (ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2021, Fig. 4, n.º 5) e no Cerro do Castelo de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, Fig. 9.4; ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2021, Fig. 4, n.º 10) (Fig. 30). Proveniência: Sector 1, Sond./Área J, UE [1321] 7433, depósito na zona norte da área.
- porção inferior e mesial de exemplar (Fig. 16, n.º 7; Fig. 24, n.º 4). Proveniência: Sector 3, Sond./Área IX, UE [311] 2832, enchimento da fossa [310].

Este conjunto de figuras esquemáticas antropomórficas, por vezes munidas de seios, apresenta as mesmas características das identificadas em povoados calcolíticos da Estremadura s sul de Portugal e do Sudoeste

peninsular. Para além de outros, foram recolhidos exemplares: em Pedra de Ouro (Alenquer) (BRANCO, 2007); Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) (CARDOSO, 2014, Fig. 54, n.º 16 a 18); Monte da Tumba (Alcácer do Sal) (SILVA & SOARES, 1987); Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora) (GONÇALVES, 2005); São Pedro (Redondo) (COSTEIRA & MATALOTO, 2016); São Brás 1 (Serpa) (PARREIRA, 1983); Santa Justa (ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2021, Fig. 4).

No Sudoeste peninsular registaram-se também vários exemplares nos povoados calcólicos de Cabezo Juré (Helva) (NOCETE et al., 2004, Fig. 8.50, p. 182 e 183) e no de Marroquíes Bajos (Jaén) (TORRE, 2023), entre outros.

Estes exemplares possuem, devido ao seu ecletismo, paralelos longínquos, como é o caso, entre muitos outros, do exemplar representando uma figura dupla, feminina e masculina, proveniente de Gumelnitsa, Roménia (HANSEN, 2020, Fig. 10.2, p. 90; HANSEN, 2021, Fig. 10.2, p. 115) (Fig. 30).

A ocorrência de tais exemplares em áreas habitadas evidencia a existência de altares domésticos, no interior das mesmas, sem ignorar a possibilidade de poderem tratar-se de brinquedos.

4.1.6 – Recipiente cerâmico zoomórfico

Nesta categoria inscreve-se um exemplar incompleto, correspondente à parte traseira de um animal, com a cauda junto ao corpo e entre as duas patas traseiras, fracturadas ao nível da base do recipiente. Proveniência: Sector 3, Sond./Área VII, UE [3147] 10479) (Fig. 17, n.º 1; Fig. 24, n.º 6).

Embora raros, são conhecidos alguns recipientes zoomórficos, como o agora em estudo, provenientes de contextos dos finais do 4.º milénio do 3.º milénio a.C. da Estremadura e do Sudoeste, provenientes de contextos funerários e habitacionais, como Leceia e Vila Nova de São Pedro, incluindo grandes recintos de fossos, como os Perdigões, La Pijotilla e Valencina de la Concepción.

Trata-se de representações naturalistas de várias espécies de animais, como bovídeos, suídeos e aves e, mais raramente, de cervídeos e equídeos, podendo corresponder a pequenas esculturas maciças, de barro cozido, ou a vasos com modelação zoomórfica integral e interior oco. O exemplar registado em Porto Torrão enquadra-se neste segundo grupo.

De acordo com o inventário realizado por A. Valera e colaboradores (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Tab.1), os vasos zoomórficos conhecidos são exclusivamente calcólicos, e de origem maioritariamente funerária.

As ocorrências de suídeos, nas quais o exemplar em apreço provavelmente se integra, são as mais frequentes. Regista-se o pequeno fragmento de vaso ritual ou estatueta maciça, representando cabeça de suídeo de terracota recolhido à superfície (?) por J. Arnaud em Porto Torrão (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 4); o vaso de terracota, com abertura de contorno oval, da gruta do Carvalhal, Turquel (Aljubarrota) em forma de suídeo (seg. SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 21; CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 3); um fragmento de um recipiente recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra) munido presumivelmente de 4 pés, dos quais se conserva 2, muito incompletos de animal indeterminado (CARDOSO & MARTINS, 2018, Fig. 5, n.º 1); o recipiente zoomórfico da gruta artificial de S. Paulo II (Almada), com o comprimento máximo de 235 mm, representando uma porca, com a região genital bem vincada, observada num fragmento que se manteve inédito até 2025 (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 104).

Excepcionalmente tais representações de suídeos são de pedra, como é o caso do exemplar do povoado calcólico fortificado de Olelas (Sintra), munido de uma ampla cavidade oval na face dorsal, de calcário branco sacaróide (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 1);

Conhecem-se também representações de aves, presentes em um fragmento de possível recipiente recolhido na Anta Grande do Zambujeiro (Évora) (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 7, n.º 5); e em vaso zoomórfico completo de Marcela, Cacela (Vila Real de Santo António) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2023, p. 85, n.º 6; FILIPE, 2017, Fig. 43) (Fig. 29).

Em Espanha conhecem-se vários recipientes zoomórficos: um exemplar com representação de bovídeo recolhido no *tholos* de la Sabina, (Granada) exumado por Siret (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 36, n.º 29); um fragmento de “cabeça” representando provavelmente bovino proveniente de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980, Fig. 13d); dois recipientes completos recolhido no *tholos* de la Zarcita (Santa Bárbara de la Casa, Huelva), representando ave (LEISNER & LEISNER, 1959; VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 7, n.º 6) e o recipiente fracturado, mas completo, com representação aparentemente de equídeo, recolhido numa estrutura negativa funerária, no sector PP4-Montelirio de Valencina de la Concepción, Sevilha (VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014) (Fig. 29).

Excepcionalmente, registaram-se recipientes que, embora não assumam características zoomórficas, não podem deixar de se considerarem rituais, como é o caso do exemplar em forma de “arca”, de formato rectangular, munido de quatro pés, simbolizando as patas, de La Zarcita (CATELA, 2023);

Os paralelos extra-peninsulares, do Próximo-Oriente ou da região mediterrânea oriental, são muito abundantes; porém, na larga maioria dos casos, são já da Idade do Bronze. De época calcolítica registam-se os recipientes com cabeça e corpo de suídeo de Troia II, com asa e bocal para a saída do líquido correspondente à parte posterior do corpo do animal (MÜLLER-KARPE, 1974, Tf. 335, n.º 28; CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 5), e a estatueta ou vaso de terracota de Abu-Hamid, Jordânia (o interior é oco, desconhecendo-se se possuía abertura, por se encontrar fracturado naquela zona); trata-se da representação de bovídeo, datável de cerca 3850 a.C. (DOLLFUS & KAFARI, 1992, Fig. 9).

BUCHHOLZ & KARAGEORGHIS (1973, n.º 1187) reproduzem estatueta de terracota que hesitam em classificar como de ursídeo ou de suídeo, suportando adiante pequeno recipiente com os membros anteriores, do Cicládico antigo de Syros (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 2). Não se pode, porém, atribuir demasiada importância a estes paralelos longínquos, ainda que mais ou menos coevos, pois as afinidades formais que evidenciam podem resultar, simplesmente, de fenómenos de convergência, além de que, nestes casos, se observa a representação de uma multiplicidade de outros animais.

O seu uso poderia ocorrer em cerimónias litúrgicas, num contexto de cultos agrários de fertilidade, da terra e das sementeiras, tal como foi sugerido em trabalho realizado em 1996 por um de nós (J.L.C.) aquando da publicação dos fragmentos das esculturas de porcas de terracota recolhidos no povoado de Leceia (CARDOSO, 1996).

4.2 – Materiais de osso

4.2.1 – Ídolos-falange

Aos cinco exemplares recentemente elencados numa revisão bibliográfica geral (ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2021, anexo, sítio 58; CARDOSO, 2023a), recolhidos noutras intervenções arqueológicas nesta estação (ARNAUD, 1984-1988; 1993; VALERA & FILIPE, 2004; ROCHA et al., 2012; VALERA, 2013), somam-se mais 3 ídolos-falange. Todos se apresentam lisos e afeiçãoados por polimento, mais ou menos intenso consoante os exemplares:

- ídolo-falange sobre uma primeira falange de cavalo (*Equus caballus*) através do aplanamento da face interior e fino polimento total, acentuando a forma antropomórfica, com um estreitamento intencional da porção mesial da falange, correspondente à diáfise (Fig. 15, n.º 1; Fig. 25, n.º 5). Proveniência: Sector III – sondagem VII – depósito [3087].
- ídolo-falange sobre uma primeira falange de cavalo (*Equus caballus*) através do aplanamento da face interior e polimento total. Apresenta-se anegrado, devido a exposição ao fogo (Fig. 15, n.º 2; Fig. 25, n.º 6). Proveniência: Sector I – área J – [1332], depósito zona sul.
- ídolo-falange sobre uma primeira falange de suídeo (*Sus* sp.) através do polimento da superfície, que se apresenta queimada. Este pequeno artefacto apresenta canelura ou entalhe na extremidade distal da falange, destacando, desta forma, uma cabeça isolada do corpo da peça. Tal canelura poderia facilitar a fixação da peça a um fio ou cordão, transformando-a assim num pendente ou amuleto, constituindo assim uma variante aos conhecidos ídolos de gola (Fig. 16, n.º 3; Fig. 25, n.º 4). Proveniência: Sector III – Sondagem VII – [3173].

A escolha do tipo de falange e da espécie de animal está associada ao seu aspecto natural, próximo de uma figura antropomórfica esquemática, muito mais marcada no caso dos exemplares em primeiras falanges de cavalo, o que explica a clara predominância destes em relação aos demais (CARDOSO, 2023a).

A atribuição dos exemplares a cavalo (*Equus caballus*) é suportada pelo tamanho, superior ao das falanges homólogas de burro doméstico (*Equus asinus*), cuja presença no Calcolítico do Ocidente peninsular foi já demonstrada no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) (CARDOSO *et al.*, 2013). Estudo biométrico comparativo já publicado sustenta a referida atribuição (CARDOSO, 1995).

Estas foram afeiçãoadas por desbaste e polimento para ficarem com um aspecto mais esguio e mais acentuadamente antropomórfico, conforme a maior ou menor intensidade do polimento; assim, o exemplar da Fig. 25, n.º 5 apresenta-se intensamente polido, conferindo à superfície toque suave e brilho intenso, acetinado, muito menos intenso que o observado no exemplar da Fig. 25, n.º 6, de coloração anegrada, evidenciando exposição ao fogo.

A ausência de decoração, no entanto, não pode descartar a hipótese de existência de possíveis pinturas na sua superfície, eliminadas no decurso do tempo.

Tem interesse valorizar a presença da primeira falange de suídeo (*Sus* sp.), de pequenas dimensões, anegrada, evidenciando como as restantes polimento generalizado a toda a superfície, com presença de um sulco ou gravação transversal na extremidade distal da falange, reforçando o seu aspecto antropomórfico, acompanhado pela modelação dos dois côndilos articulares distais, possível “cabeça”. Possui paralelos num exemplar de Leceia, sobre uma primeira falange de veado, munida de duas caneluras proximais, destinadas à suspensão do objecto (CARDOSO, 2009, Fig. 11, n.º 11), num exemplar recolhido em Cabezo Juré (Huelva) (NOCETE CALVO, 2004, Fig. 8.56, p. 188), e em exemplares mais figurativos, representando figurinhas, recolhidas em Xagñra Circle, na ilha de Gozo, arquipélago de Malta (GREGORY, 2021, Fig. 13, p. 324). Este tipo de morfologia observada é compatível nos exemplares de calcário da mesma época, cuja “cabeça” é marcada por ressalto, possuindo topo aplanado, como é o caso dos ídolos de calcário marmóreo de Pêra (Silves) (CARDOSO, 2002, Fig. 4 e 5), e num exemplar de “ídolo-gola” em calcário, existente nesta colecção (Fig. 16, n.º 5; Fig. 24, n.º 2).

A manipulação e transformação artística e ritual de segmentos anatómicos de diversas espécies está presente tanto em contextos funerários como em contextos domésticos durante o Calcolítico no Centro e Sul da Península Ibérica, abrangendo a Andaluzia, a Extremadura espanhola, o Sul de Portugal e a Extremadura

portuguesa, tendo uma expressão numérica reduzida em cada um dos sítios arqueológicos, com excepção mega-sítio dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Nesse importante povoado de fossos foram recolhidas 72 primeiras falanges. Do total, com base na quantificação publicada, 11 apresentam-se decoradas, das quais 9 de cavalo; 52 são afeiçoadas por polimento; e 8 não evidenciam qualquer tratamento da superfície (VALERA, 2015, Tabela 3; VALERA, 2021). No total, apenas um exemplar provém de uma área não-funerária. Dos 72 exemplares recolhidos, 34 pertencem a primeiras falanges de cavalo, das quais 9 são decoradas. Das restantes falanges, 34 são de veado, 1 de *Sus* sp., 1 de *Bos* sp. e duas de caprino indiferenciado, totalizando 38 exemplares.

Recentemente, foi realizado inventário dos ídolos-falange decoradas e lisas no território português executadas em primeiras falanges de cavalo, em necrópoles e povoados, a propósito do estudo dos ídolos-falange calcólicos recolhidos na Lapa da Bugalheira (Torres Novas) (CARDOSO, 2023a).

Importa sublinhar que são, de longe, as primeiras falanges de cavalo as preferencialmente escolhidas como suporte para a elaboração deste tipo de artefacto, opção justificada pela forma acentuadamente antropomórfica que naturalmente exibem, apesar da evidente escassez da espécie no meio natural, a qual, à época, cerca de meados do 3.º milénio a. C., ainda se não encontrava domesticada no ocidente peninsular, conforme se concluiu recentemente (LIRA GARRIDO et al., 2025), na sequência de se tratar de espécie cuja introdução no estado doméstico no continente europeu só se verificou cerca de 2200 a.C. (LIBRADO et al., 2024).

4.2.2 – “Baguette”

Sob esta designação inscreve-se um exemplar alongado de osso, totalmente polido, com secção sub-rectangular, mais ou menos achatado (Sector 3, Sond./Área VII, UE [3172] 9427) (Fig. 17, n.º 4; Fig. 25, n.º 3).

Em Leceia (Oeiras) registaram-se dois exemplares de osso atribuídos ao Calcólico Inicial (CARDOSO, 2009, Fig. 14, n.º 21 e 22). No Outeiro Redondo (Sesimbra) um exemplar, também de osso, integra-se igualmente no Calcólico Inicial (CARDOSO, 2019, Fig. 115, n.º 12) e um outro já no Calcólico Pleno/Final (CARDOSO, 2019, Fig. 110, n.º 5). Outros exemplares foram reconhecidos em contextos funerários do Neolítico Final da região de Almería (LEISNER, 1945, Est. 1, 2, n.º 4 e 5).

Muito embora a funcionalidade destas peças não seja clara, é natural que, dada a semelhança com exemplares mais marcadamente antropomórficos possam integrar o mesmo grupo de artefactos ideotécnicos.

4.2.3 – Outros artefactos de osso

Entre as peças a que se pode atribuir carácter ideotécnico mais genérico, registaram-se as seguintes:

– porção proximal de um alfinete de osso, decorado com 6 finas caneluras numa das extremidades, com secção sub-rectangular (Fig. 17, n.º 5; Fig. 25, n.º 2), recolhido no Sector 3 (Sond./Área V, UE [3219] 10136).

Possui paralelo próximo recolhido no *tholos* de Cardim (VALERA et al., 2019, Fig.3.6: 3).

Aproxima-se da Forma V do quadro tipológico dos alfinetes do povoado fortificado de Vila Nova de S. Pedro, a partir dos diferentes formatos de cabeça (NAVAS, 2022), com a particularidade única da presença de seis caneluras horizontais na parte proximal da peça, que não se apresenta engrossada.

Poderia funcionar como objecto de adorno pessoal na preensão do vestuário ou do cabelo; uma utilização relacionada com a pintura corporal e execução de tatuagens; ou ainda aplicação na execução de incisões, pontilhados e outros tipos de decoração em objectos cerâmicos;

– fragmento de costela de animal de grande porte, totalmente afeiçãoada, decorada em uma das faces com oito linhas transversais, paralelas entre si, pintadas/polidas (Fig. 17, n.º 2; Fig. 25, n.º 7), recolhido no Sector 1 (Sond./Área I, UE [1249] 3364).

Encontra paralelo num fragmento de costela de bovídeo decorada de Terrera Ventura (Almeria) no qual foram gravadas nas extremidades várias incisões paralelas, transversalmente ao osso, possuindo o espaço intermédio a representação de dois pares de olhos radiados (GUSI & OLARIA, 1991, Fig. 178, n.º 4; Lam. XXVII, n.º 2; BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 24, n.º 130; RAMOS, 2023, p.111).

4.3 – Concha afeiçãoada

Exemplar completo de *Patella safiana* de grandes dimensões, com o bordo totalmente afeiçãoado por polimento, recolhido no C6 (Sond./Área J, UE [1292] 7066).

Trata-se de espécie de águas quentes, de origem africana, presente no litoral atlântico marroquino (Fig. 17, n.º 3; Fig. 25, n.º 1).

A ocorrência deste elemento de indumentária, sem deixar de possuir cunho ostentatório e simbólico, pela sua raridade, vem demonstrar, uma vez mais, a existência de ligações distantes, neste caso com Norte de África, de onde teria provindo. Encontra paralelo num exemplar da mesma espécie, também de grandes dimensões recolhido no povoado calcolítico do Pedrão (Setúbal), cuja superfície externa sofreu alisamento generalizado. O bordo desta peça foi afeiçãoado, à excepção de uma pequena porção, situada no prolongamento do eixo maior, que ficou saliente, para facilitar a fixação a um cordão, podendo ter possuído um furo de suspensão (SOARES & SILVA, 1975, Estampa XVIII, n.º 237).

Outra espécie de lapa, igualmente de origem extra peninsular, foi reconhecida no Sepulcro 2 dos Perdigões (NR=5 *Patella candei*) (VALERA & ANDRÉ, 2016/2017). A presença desta espécie, a par de outras matérias-primas exógenas nos Perdigões, designadamente o marfim (VALERA, SCHUHMACHER & BANERJEE, 2015), reforça a existência de contactos com norte de África.

Um outro exemplar de *Patella candei* provém da Lapa da Mouração (Porto de Mós), em recolhas de superfície efectuadas nos inícios do século XX por António Santos Rocha (SANTOS & DELICADO, 2017).

Na gruta do Correio-Mor (Loures), bem como na gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) foram recolhidos outros exemplares de *Patella* sp., de concha muito alta e robusta e com a zona apical saliente, destinadas igualmente a utilização como adereço ou adorno (CARDOSO, 2003b, Fig. 32, n.º 12). Estes exemplares não devem confundir-se, quanto à sua utilização como adornos, com os exemplares recolhidos na Lapa do Bugio, relacionados simplesmente com possíveis deposições votivas de alimentos (CARDOSO, 1992), dadas as suas características indiferenciadas e comuns.

Em alguns casos, pode admitir-se outro tipo de práticas rituais, como a que foi observada aquando da recolha de uma concha de mexilhão (*Mytilus* sp.), de dimensões excepcionais, recolhida no povoado do Outeiro Redondo, Sesimbra (CARDOSO, 2019, Fig. 58, n.º 9; Fig. 157, n.º 8). Este exemplar, recolhido em contexto atribuído ao Calcolítico Inicial, encontrava-se resguardado no interior de um pequeno covacho de contorno sub-trapezoidal escavado nos calcários jurássicos do substrato geológico, pode relacionar-se com ritual de assinalável singularidade identificado no espaço habitado, sublinhando a importância do mar e dos recursos dele obtidos no quotidiano da economia alimentar da comunidade ali instalada (CARDOSO, 2019).

4.4 – Placas de xisto

Foram recuperados os seguintes exemplares:

- placa de xisto incompleta ao longo de todo o bordo inferior, posteriormente regularizado por polimento, com representações oculares radiadas (Fig. 18, n.º 1; Fig. 26, n.º 2). A Cabeça inclui duas perfurações bem centradas no que seria a testa; sobrancelhas no topo, afastadas do nariz; nariz simples, reticulado, ladeado por dois Olhos radiados, ambos com depressão central, parcialmente envolvidos por três pares de “tatuagens” ou pinturas faciais arqueadas. O Corpo está preenchido por quatro bandas horizontais de triângulos, com o vértice para baixo, preenchidos por linhas oblíquas, formando reticulado, com exceção da segunda banda de triângulos que se apresenta lisa. Segue-se um indicador de fim de placa por linhas oblíquas, numa área parcialmente conservada, com sinais de polimento de regularização da peça. O reverso também se encontra decorado com uma faixa reticulada circundante dos limites laterais e superior, delimitados por linhas guia. A placa foi recolhida no nível intermédio do interior de uma fossa, com um enterramento na base, aparentemente de uma mulher jovem, ao qual estava associado diversos recipientes cerâmicos inteiros, de tipologias e dimensões variadas (NETO *et al.*, 2013). Proveniência: Sector I – área I – [1249], enchimento da fossa [1250].

Foi muito comum a adopção pelas populações estremenhas do Neolítico Final de placas de xisto decoradas, algumas com a simbologia funerária associada à figura tutelar da Deusa-Mãe, que acompanharia cada defunto. Com efeito, a simbologia da deusa encontra-se explicitamente representada nos estádios mais evoluídos daquelas produções, já claramente calcolíticos, por placas com a representação dos olhos, com duas variantes: a radiada (agora em análise) e a cavada, variante que se encontra representada, muito mais rara, representada entre outros, por exemplar da Gruta artificial n.º 2 da necrópole de Alapraia (CARDOSO, 2023b, Fig. 16).

As representações oculadas observadas neste exemplar foram encontradas em muitos outros exemplares do sul peninsular (GONÇALVES, 2003a, p. 46):

- ídolo-placa oculado com representações de antropomórficos tri-triangularares (Ídolos almerienses) de Mértola (Beja), sem especificação de proveniência (LEISNER, 1959, Est. 34, 5), que apresenta na parte superior a simbologia da face da Deusa com os olhos não radiantes, as tatuagens e o nariz e na parte inferior sete figurações (GONÇALVES, 2006, p.187-190; GONÇALVES, 2021), em banda;
- placa com olhos radiantes, Courela dos Nascedios, Mértola (GONÇALVES, 2006, Fig. 9, p. 185);
- fragmento de placa de xisto decorada, reaproveitada, com a representação de um pequeníssimo “olho solar”, definido pela gravação de um pequeno círculo com raios curtos radiantes, da Lapa da Bugalheira (Torres Novas) (CARDOSO & MARTINS, 2023, Fig. 30, n.º 8; Fig. 39, n.º 12). Esta micro-representação é excepcional, remetendo para um mundo cognitivo em que os símbolos, para ter significado, não exigiriam representações evidentes, que todos poderiam identificar, para serem apenas vistas por alguns;
- placa da Lapa do Bugio. Cabeça com dupla perfuração para suspensão; sobrancelhas; olhos radiantes com raios direitos, ambos com depressões centrais; tatuagens ou pinturas faciais; nariz simples. A Cabeça é rematada por delimitação própria, reticulada, talvez considerada como separador da mesma; no Corpo destaca-se a presença de banda de 4 “ídolos almerienses” com o Corpo preenchido por reticulado; rematado inferiormente por indicador de fim de placa reticulado (CARDOSO, 1992, Est. 46, n.º 8; CARDOSO, 2023, Fig. 15). Possui ainda a particularidade de apresentar na bordadura do reverso uma faixa decorada

por linhas incisivas em retícula, caracter que se aproxima do sub-grupo 3b de Leisner, placa com o centro liso, semelhante à do Porto Torrão.

- placa proveniente do corredor da Anta 2 do Olival da Pega (GONÇALVES, 2003b, Fig. 5). Para além dos motivos solares radiantes, construídos a partir das perfurações, assim transformadas em olhos, o Corpo da placa desarticula-se em motivos “desconexos”, longe do equilíbrio presente na esmagadora maioria das placas;
- placa fracturada com Olhos radiados das antas da Mitra (GONÇALVES, 2004, Fig. 6);
- placa com Olhos de radiados do *tholos* do Escoural (GONÇALVES, 2004, Fig. 8);
- placa oculada da Anta 1 de Cavaleiros, Ponte de Sor (Portalegre) (ROCHA, 2021, p. 248; BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021b, Fig. 8, n.º 62);
- placa de Anta 1 da Farisoa (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XV, n.º 31);
- placa da Anta do Rabaçal, Montemor-o-Novo (Évora) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021b, Fig. 9, n.º 65);
- placa com Olhos radiados da Anta Grande do Zambujeiro, neste caso usando componentes concêntricos e um ponto central (GONÇALVES, 2004, Fig. 7);
- fragmento de placa oculada de El Pozuelo, dolmen 4 (MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, XXXIV e LXV).
- placa recolhida em Pessilgais, Alter do Chão (Portalegre) (LEISNER & LEISNER, 1943, Tafel 7, n.º 20).

Estas representações solares, que por vezes assumem estranhas semelhanças longínquas, como é o caso, entre muitos outros, da estela de alabastro de Mari (Síria), com 35,3cm de altura e 18,5cm de largura (SCHUHMACHER, 2013, Fig. 1) (Fig. 31) diferem de outras, presentes também em placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular, com a representação dos olhos solares sob a forma de raios flamejantes. Esta variante está presente nos exemplares do *tholos* de Cerro de la Cabeza (Valencina de la Concepción); Rosal de la Frontera; Fábrica da Celulose; Cabacinhitos; Quinta da Farinheira-Chelas; e pequeno fragmento recolhido no monumento da Praia das Maças (LEISNER, 1965, Taf. 42; ANDRADE, 2015, Fig. 13), entre os quais se contam os exemplares mais próximos do de Porto Torrão.

Os característicos olhos radiados também se encontram esquematizados noutra tipo de suportes. Sem carácter exaustivo, são de referir os ídolos cilíndricos de calcário de tipo Moncarapacho, excelentemente representados pelo exemplar da Herdade da Cariola (Ervidel) (FERREIRA & LEITÃO, 1981, p. 202, n.º 3; GONÇALVES, 2022, Fig. 3; CARDOSO, 2023, Fig. 30) e de Valencina de la Concepción; em falanges de cavalo, como no exemplar da Lapa da Bugalheira (CARDOSO, 2023, Fig. 7 e 12) ou Tumba 3 de La Pijotilla, acompanhados igualmente por traços da tatuagem facial; numa primeira falange de *Cervus elaphus* totalmente polida, recolhida no povoado calcolítico de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, Est. 105, em cima), exibindo num dos côndilos distais, pequeno círculo radiado, de tamanho tão discreto que só pode interpretar-se como sinal oculto destinado a só ser visto ou identificado por poucos, tal como acima se referiu no tocante ao exemplar da Lapa da Bugalheira.

Também de osso, são de mencionar alguns artefactos com representação solar como os ídolos oculados sobre ossos longos (rádios) conhecidos em necrópoles calcolíticas do sul e Levante peninsular, recentemente tratados com carácter sistemático (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021).

As representações solares ocorrem ainda em outros suportes: é o caso de fragmento de costela de bovívdeo decorada de Terrera Ventura (Almeria) no qual foram gravadas nas extremidades várias incisões paralelas, transversalmente ao osso, formando espaço entre elas, com a representação de dois pares de

olhos radiados (GUSI & OLARIA, 1991, Fig. 178, n.º 4; Lam. XXVII, n.º 2; BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 24, n.º 130).

Em plaquinhas oculadas sobre marfim ou osso recolhidas nos Perdígões em contexto funerário, observaram-se motivos raiados, por vezes acompanhados por sobranceiras, indicação das tatuagens faciais e cabelos ziguezagueantes (VALERA, 2021).

O mesmo tipo de olhos radiados ocorre em recipientes cerâmicos como no vaso, tipo “copo”, com decoração simbólica antropomórfica de tipo esquemático do *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (Beja) (ANDRADE, 2015), em fragmento de vaso recolhido na Anta Grande do Olival da Pega (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XXX, n.º 14a), num vaso em calote, com uma banda abaixo do bordo incluindo tais representações, de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (ARNAUD & FERNANDES, 2005, n.º 1132, p. 212), entre outros, mencionados de forma mais alargada no capítulo dedicado aos recipientes cerâmicos decorados com motivos e organizações simbólicas.

Os olhos radiados encontram-se também em elementos de tear, observados no Outeiro Redondo (Sesimbra), num exemplar com um círculo radiado que poderia representar o Sol (CARDOSO, 2019, Fig. 54, n.º 2; Fig. 142, n.º 10), em exemplares de Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. 27, n. os 5 e 6), e em outros importantes povoados calcolíticos, como Pedra de Ouro (GOMES & DOMINGOS, 2004, p. 119).

Em metal precioso, as mesmas representações observaram-se em lâminas de ouro como a proveniente de Valencina de la Concepción (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 24, n.º 131), a par das recolhidas nos *tholoi* de las Canteras, Sevilha (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 24, n.º 132), e de Montelirio, Sevilha (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 24, n.º 133);

- placa de xisto decorada de ambos os lados, fragmentada no topo (Fig. 19, n.º 1; Fig. 26, n.º 1). A Cabeça, apresenta-se fracturada embora com vestígio de linhas ligeiramente horizontais e curvas correspondendo a possível “tatuagem”; o Corpo ostenta traço vertical ao centro, mas sem simetria, dividindo motivos “espinhados” formados por riscos curtos, pouco espaçados à esquerda, à direita, mais apertados.

O reverso também se encontra decorado com motivos desordenados, feitos de forma tosca, representando linhas ziguezagueantes e outras rectas, paralelas entre si, parecendo formar um só elemento.

Pela desorganização da composição, normalmente muito regular, geometrizada e normalizada, dos motivos principais, sobretudo evidente numa das faces, esta placa poderá enquadrar-se no grupo designado por V. S. Gonçalves por “síndrome das placas loucas” (GONÇALVES, 2003b). Proveniência: Sector III – sondagem VI – [398], enchimento da bolsa [397].

Existem paralelos para os motivos ziguezagueantes do reverso da peça, possivelmente representando as linhas onduladas do cabelo, em exemplar recolhido em Buço Preto 7, Monchique (LEISNER & LEISNER, 1959, Tafel 45, 4-31). Este mesmo tipo de motivos encontra-se presente em outros suportes, exemplificados nas figuras antropomórficas de barro de Cabezo Juré (Helva) (NOCETE et al., 2004, Fig. 8.50); nos ídolos-cilindro oculados de calcário, tal como os exemplares de Monte do Pombal, Monforte (Portalegre); Sierra de Morón, Morón de la Frontera (Sevilha); Cabeço de El Conquero (Huelva) aqui também presentes em ídolo-falange oculado; e em ídolos antropomórficos de marfim dos Perdígões, Reguengos de Monsaraz; Llerena (Badajoz); Cerro de la Cabeza, Valencina de la Concepción (Sevilha); Marroquíes Bajos e Marroquíes Altos (Jaén) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021b), entre outras ocorrências (Fig. 32);

- porção de placa de xisto reutilizada, de contorno sub-circular, de um outro exemplar primitivo de maiores dimensões, cujo corpo se encontrava organizado por faixas ziguezagueantes preenchidas,

em intervalos, por linhas oblíquas entrecruzadas (reticulado), compartimentadas por traço vertical. As arestas da peça apresentam-se levemente boleadas, resultado de acção de polimento deliberada, formando um “disco” (Fig. 19, n.º 2; Fig. 22, n.º 2). Proveniência: Sector I – área J – [1382], enchimento da fossa [1374].

O “disco” assim obtido conserva parte da decoração da anterior placa, possuindo diversos paralelos. É o caso do exemplar do povoado de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980, p.172, Fig. 3e; ANDRADE; COSTEIRA & MATALOTO, 2015, Fig. 15; CARDOSO & VILAÇA, 2020, Fig. 9, n.º 4) (Fig. 33). Com idênticas dimensões, devem sublinhar-se os “discos cranianos” recolhidos no ossário da Lapa do Bugio (Sesimbra), na Anta da Capela (Avis) e na Anta Grande do Olival da Pega, consideradas como peças com marcado significado mágico-religioso, ou amuletos (CARDOSO, 1992).

O reaproveitamento de placas de xisto ocorre na Estremadura e a sul do Tejo, tanto em contextos funerários como habitacionais entre o Neolítico Final (último quartel do 4.º milénio a.C.) e o Calcolítico Pleno/final (segunda metade do 3.º milénio a.C.) (CARDOSO & VILAÇA, 2020).

A este exemplar, reaproveitado e desprovido de perfuração, somam-se os 46, de 32 sítios, reunidos em estudo específico realizado por Katina Lillios (LILLIOS, 2010), que terão mantido o simbolismo dos exemplares primitivos, associados ao mundo funerário e ao culto dos antepassados. Nesse sentido, as mesmas peças, acidentalmente ou intencionalmente fragmentadas, teriam sido de novo utilizadas, mas agora em vida, por elementos da mesma comunidade, como amuletos ou relíquias (e daí a sua identificação também em contextos habitacionais calcolíticos), e com eles depois enterrados, como indicam, entre outros, os três exemplares recolhidos na Lapa do Fumo, Sesimbra (CARDOSO & VILAÇA, 2020), e um exemplar, dado ulteriormente a conhecer, recolhido na gruta da Amoreira (Óbidos) (CARDOSO & ANDRADE, 2026);

- pequeno fragmento de placa de xisto gravada com bandas de triângulos preenchidos por linhas oblíquas entrecruzadas (reticulado). Admite-se que seja também reutilização de placa, uma vez que apresenta arestas afeiçãoadas por polimento formando canto com ângulo demasiado aberto (Fig. 19, n.º 3; Fig. 22, n.º 3). Proveniência: Sector I – área J – [1397], enchimento da fossa [1402].

4.5 – Ídolo-plano recortado de xisto

Pequena figura antropomórfica recortada em placa de xisto, totalmente polida com representação do corpo humano através de dois trapézios opostos, em forma de ampulheta, ligeiramente mais curto o correspondente à Cabeça, correspondendo ao típico “ídolo almeriense” (Fig. 16, n.º 4; Fig. 24, n.º 3). Proveniência: Sector 1, Sond./Área J, UE [1292] 6601.

Encontra paralelos abundantes, de osso, barro, ou pedra, como é o caso, com tamanhos, contornos e secções muito distintos, frequentes em sepulcros de Almeria, Granada, Huelva, Málaga, Jaén, Córdoba e Sevilha (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021a). Em território português, é especialmente afim de placa antropomórfica de pedra polida do povoado de Alcalar, classificada como ídolo-plano do tipo *El Arteal*, em grauvaque, possuindo gravação de olhos radiados, sobrancelhas e diadema próprias das iconografias calcolíticas (PARREIRA & MORÁN, 2021, Fig. 4 e 5; MORÁN, 2016).

O seu grafismo também se encontra patente numa figura antropomórfica estilizada presente num elemento de tear decorado, em ambas as faces, recolhido no povoado fortificado da Moita da Ladra (CARDOSO, 2014, Fig. 49, n.º 1).

Estes elementos bitriangulares encontram-se representados graficamente também na arte rupestre esquemática, interpretadas como motivos antropomórficos em postura de “orante” ou “dançante”, observado em Moriscas II, Helechal, Badajoz, e no Abrigo Grande de las Viñas or La Calderita 1 (BARCIELA, 2021, Fig. 2, 9 e 10), bem como na arte megalítica, nos desenhos bitriangulares associados a alguns dos esteios pintados de dólmenes do Norte de Portugal, como o de Pedralta (CARDOSO, 2012).

4.6 – “baguette” de calcite

Exemplar de calcite branca translúcida, totalmente polido, secção sub-rectangular, mais ou menos achatada, característica que os diferencia dos ídolos-cilindro (Fig. 16, n.º 2; Fig. 24, n.º 1). Proveniência: Sector 1, Sond./Área I, UE [1249] 3367). Possui evidente paralelo no exemplar de osso acima descrito.

A utilização de uma matéria-prima nobre como é a calcite, branca e translúcida, conotável com a pureza e a vitalidade, reforça o carácter especial conferido a estes exemplares. Encontra paralelo num exemplar, de tamanho idêntico, recolhido na gruta artificial de S. Paulo II (Almada) (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 63, n.º 2; Fig. 103, n.º 2). A título de exemplo, recolheram-se também em contextos domésticos, bem exemplificados pelos quatro exemplares de calcite branca translúcida recolhidos em Leceia, dois atribuídos ao Calcolítico Inicial, um ao Calcolítico Pleno/Final, e um outro ao Neolítico Final, podendo corresponder a uma intrusão de um contexto mais moderno (CARDOSO, 2009, Fig. 15, n.º 25; Fig. 16, n.º 30, 31 e 32).

4.7 – Utensílios de pedra polida miniaturais

Conjunto composto por 3 exemplares com a particularidade de possuírem características miniaturais e o gume intacto, viabilizando o seu carácter simbólico:

- extremidade distal de enxó votiva de vulcanito (?), totalmente polida, com o gume intacto, de secção biconvexa (Fig. 19, n.º 4; Fig. 22, n.º 4). Proveniência: Sector 1, Sond./Área E, UE [1199] 5699;
- pequeno escopro de vulcanito (?), de contorno rectangular alongado, de secção biconvexa, cuidadosamente polido em toda a superfície, conservando o gume intacto (Fig. 19, n.º 5; Fig. 22, n.º 5). Proveniência: Sector 1, Sond./Área I, UE [sup.] 10041;
- extremidade distal de pequeno formão de vulcanito (?), de secção transversal plano-convexo, apresentando o gume intacto. Revela na generalidade um polimento essencialmente reduzido à proximidade do gume, conservando o corpo picotado (Fig. 19, n.º 6). Proveniência: Sector 1, Sond./Área H, UE [1274] 5990.

Os três exemplares de Porto Torrão encontram paralelos abundantes em necrópoles como as grutas naturais da Lapa do Bugio (Sesimbra) (CARDOSO, 1992) ou da Casa da Moura, (Cesaredas, Óbidos) (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002); bem como em povoados como o Outeiro de São Mamede (Bombarral) (CARDOSO & CARREIRA, 2003).

A sua “miniaturização” encontra semelhanças em alguns artefactos votivos de silimanite recentemente inventariados, recolhidos em várias estações arqueológicas (CARDOSO & ANDRADE, 2025, Fig. 21), podendo corresponder a produções ideotécnicas, utilizados como oferendas funerárias. Os exemplares em estudo, pelas mesmas razões, aliada ao facto de não apresentarem vestígios de uso, enquadram-se também no domínio das produções simbólicas ou votivas.



Fig. 20 - Porto Torrão. Cerâmicas decoradas com motivos e organizações simbólicas. Fotos de João Luís Cardoso.

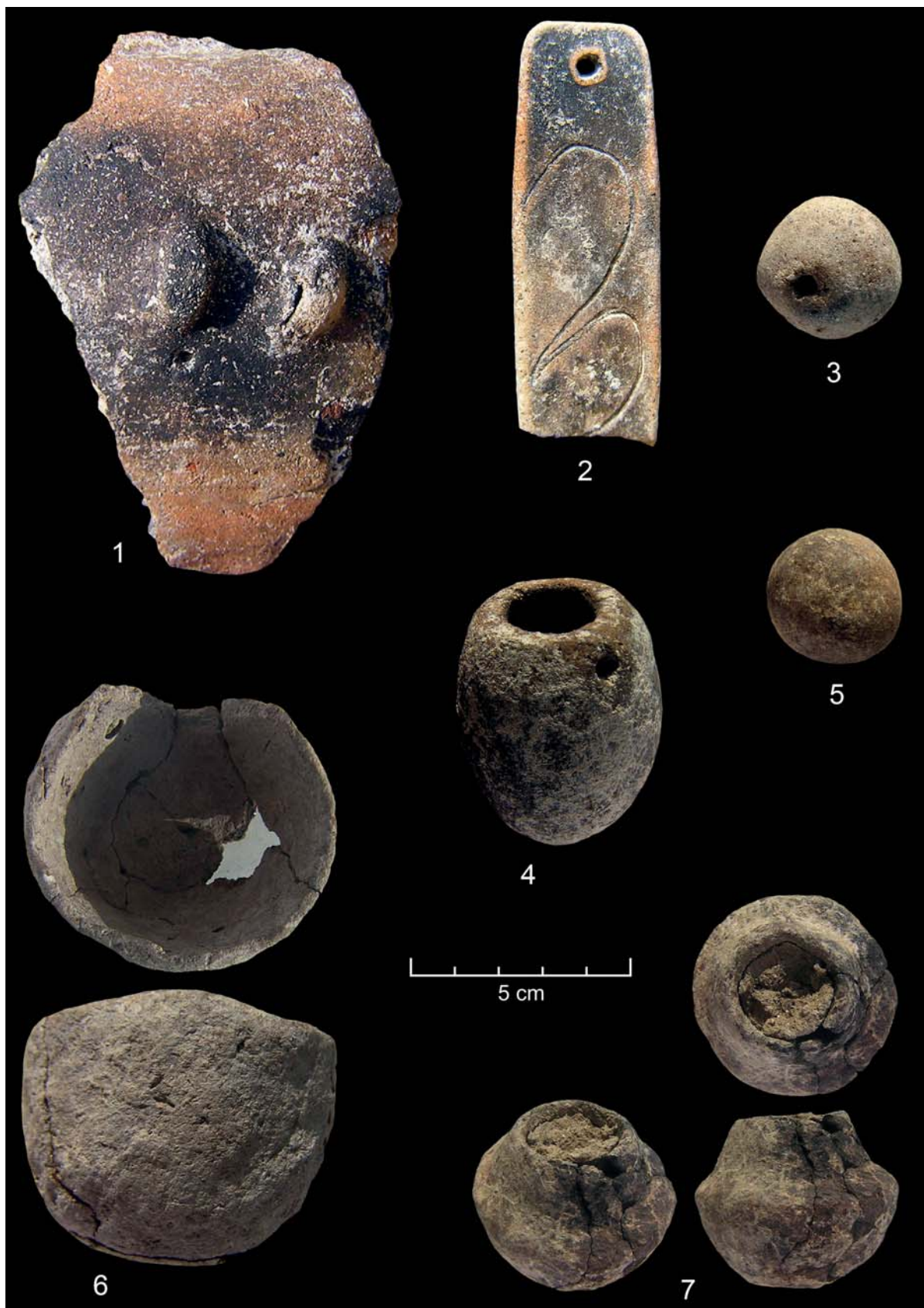


Fig. 21 – Porto Torrão. 1 – Fragmento de bordo de vaso globular munido de elementos plásticos, ligeiramente alongados ao longo do bojo; 2 – placa cerâmica perfurada decorada; 3 e 5 – esferas de barro; 4, 6 e 7 – pequenos recipientes cerâmicos lisos. Fotos de João Luís Cardoso.



Fig. 22 – Porto Torrão. 1 – Recipiente cerâmico liso, de colo fechado; 2 – placa de xisto reutilizada, de contorno sub-circular; 3 – Fragmento de placa de xisto gravada; 4 e 5 – artefactos de pedra polida. Fotos de João Luís Cardoso.



Fig. 23 - Porto Torrão. Vaso de boca elipsoidal. Fotos de João Luís Cardoso.



Fig. 24 – Porto Torrão. 1 – “Baguette” em calcite; 2 – ídolo-gola de calcário; 3 – ídolo-plano de xisto; 4, 5 e 7 – figuras antropomórficas em barro; 6 – fragmento de recipiente cerâmico zoomórfico. Fotos de João Luís Cardoso.



Fig. 25 – Porto Torrão. 1 – Concha afeiçoada de grandes dimensões (*Patella safiana*); 2 – alfinete maciço de osso, decorado com caneluras; 3 – “baguette” de osso; 4 – Ídolo-falange com morfologia antropomórfica, trabalhado sobre uma primeira falange de suídeo (*Sus* sp.); 5 e 6 – ídolos-falange com morfologia antropomórfica, trabalhados sobre uma primeira falange de cavalo (*Equus caballus*); 7 – fragmento de osso de costela afeiçoada e decorada. Fotos de João Luís Cardoso.



Fig. 26 – Porto Torrão. 1 – Placa de xisto gravada de ambos os lados e fragmentada no topo da peça; 2 – Placa de xisto completa com representações oculares radiadas. É de notar o desgaste por polimento do bordo inferior da placa, resultado de fractura que atingiu o campo decorado do exemplar, assim regularizada, Fotos de João Luís Cardoso.

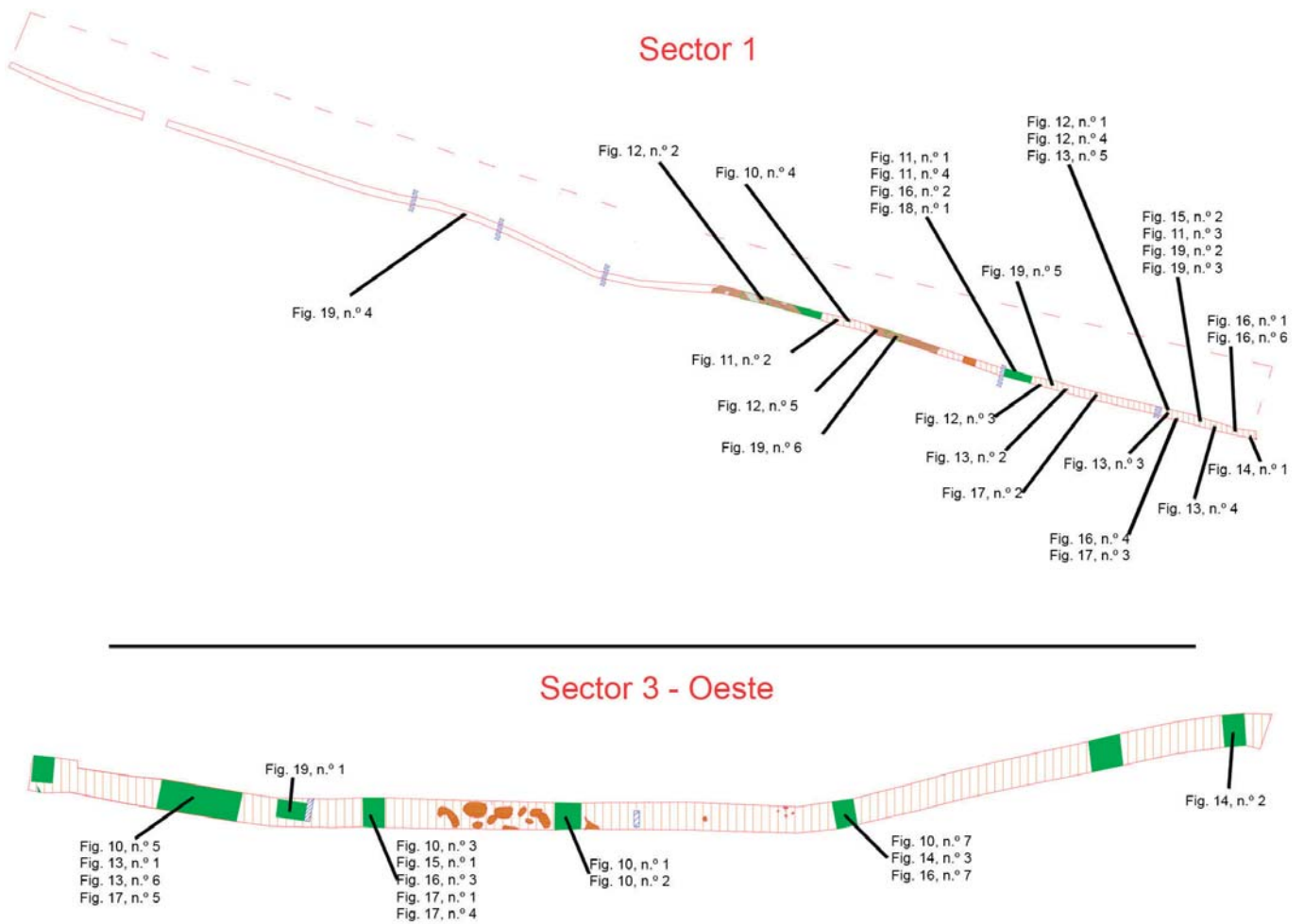


Fig. 27 – Porto Torrão. Localização dos artefactos nos Sectores intervencionados.

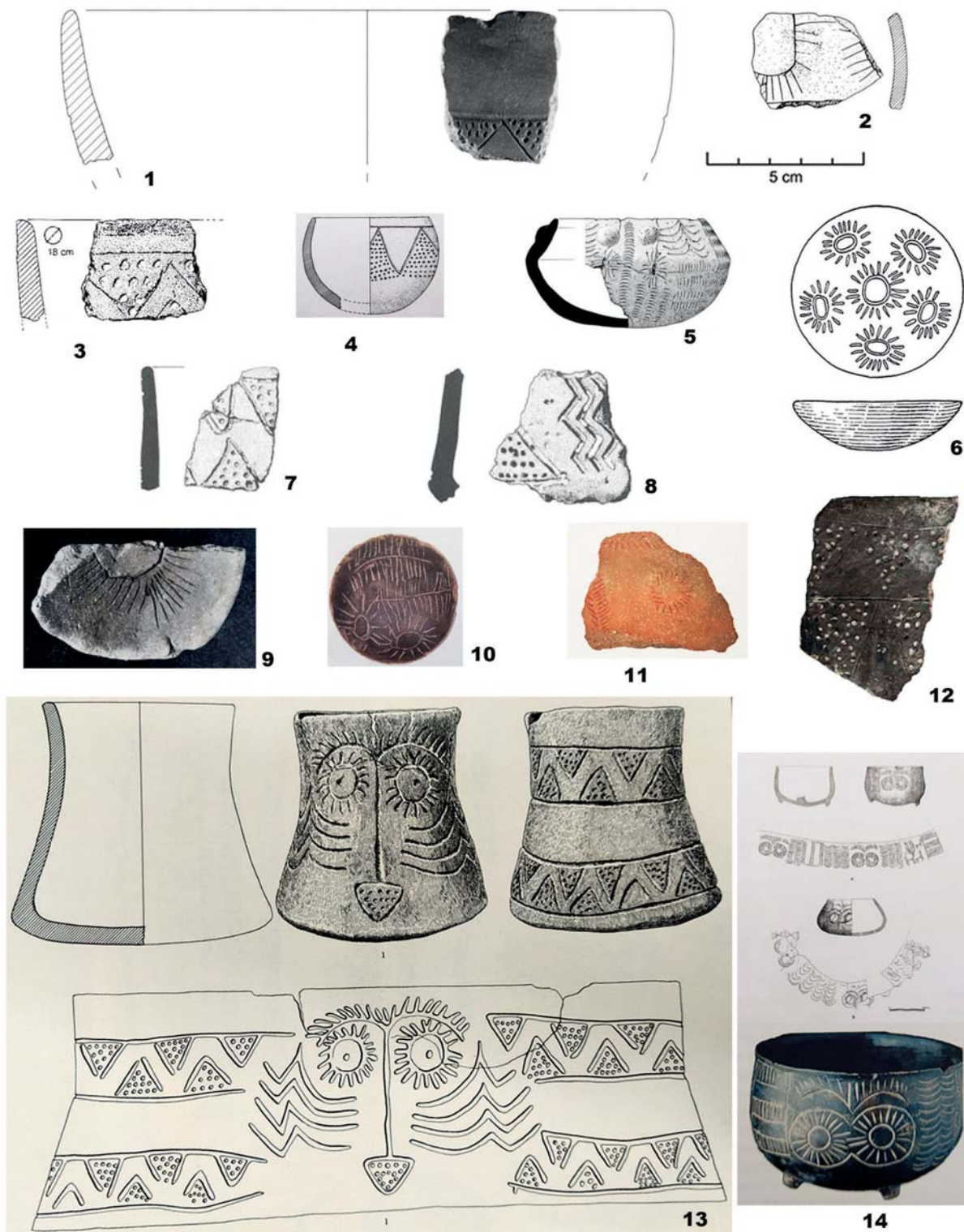


Fig. 28 – Cerâmica com decoração simbólica: **1** – povoado do Penedo do Lexim (SOUSA, 2010, Fig. 107, n.º 1); **2** – povoado de Leceia, colecção do Escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1982, Est. X, n.º 125) – recipiente decorado por motivos radiados; **3** – povoado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) – interior dos triângulos encontra-se preenchido por depressões circulares preenchidas de pasta branca (CARDOSO, 2014, Fig. 46, n.º 2); **4** – El Dorado (CABRERO GARCIA, 1988, Fig. 16); **5** – Sepulcro 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) – com símbolos solares, crescentes lunares e tatuagens faciais (VALERA et al. 2000, Fig. 13); **6** – Los Millares (LEISNER & LEISNER, 1943, lám. 13, 20a); **7 e 8** – povoado calcolítico do Cerro do Castelo de Corte João Marques (Alcoutim) (GONÇALVES, 1989, vol. 2, Est. 27 e Est. 156); **9** – povoado de Vila Nova de S. Pedro – representação solar no interior de recipiente (JALHAY & PAÇO, 1945, XXVII); **10 e 14** – Los Millares (FERNANDO MOLINA & ANTONIO CÁMARA, 2008); **11** – Cova del Montgó, Xàbia (Alicante) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 2-6); **12** – fragmento decorado do Neolítico Final do Hipogeu 1 dos Perdigões (VALERA, 2018, Fig. 5.35, n.º 10); **13** – *tholos* do Monte do Outeiro (Ajustrel) – exhibe duas bandas de triângulos alternados no lado oposto, em tudo idênticas aos exemplares em estudo (LEISNER, 1965, Tafel 128, n.º 1).

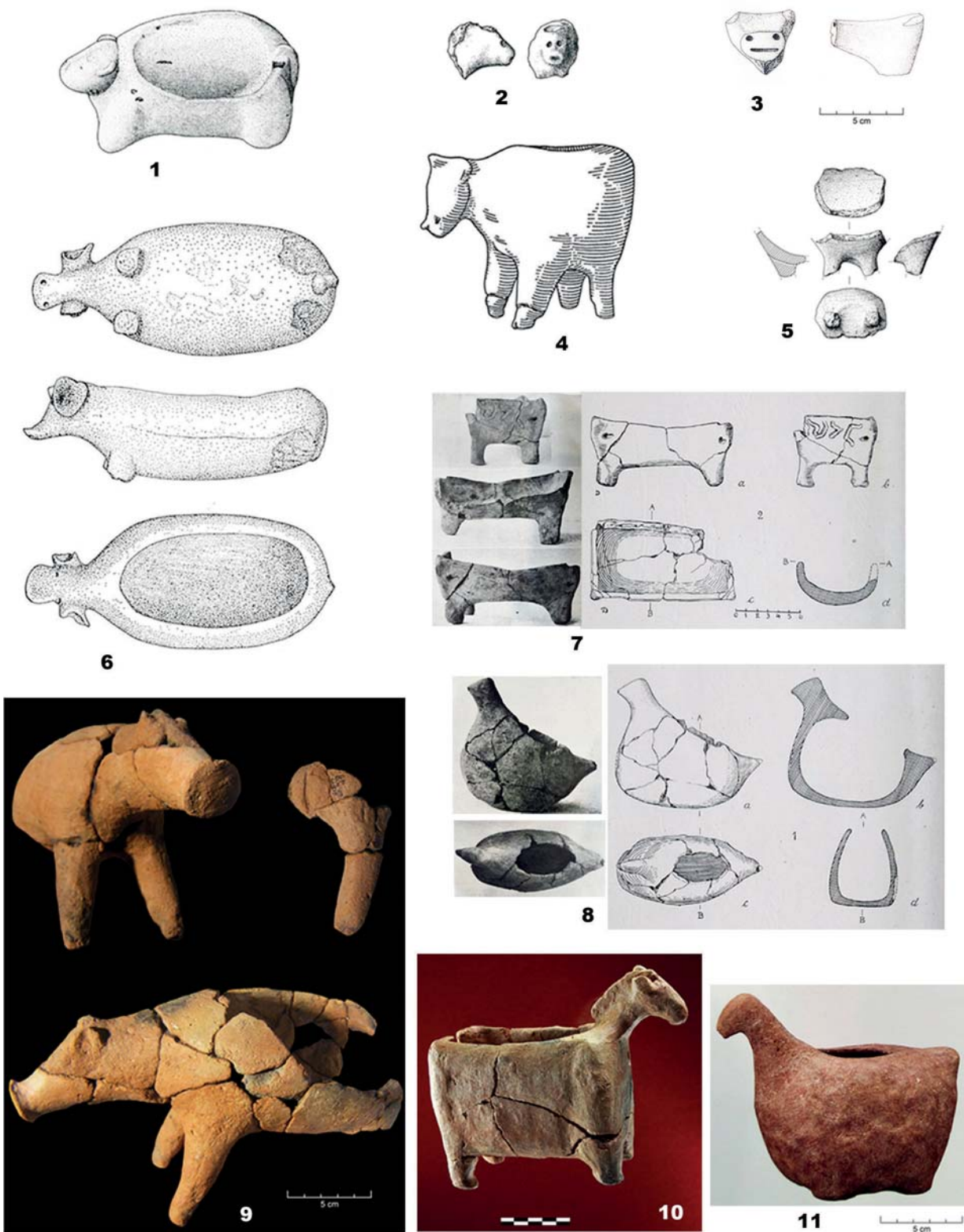


Fig. 29 – Recipientes zoomórficos: **1** – Povoado fortificado de Olelas, de calcário (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 1; VALERA et al., 2014); **2** – Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 4; VALERA et al., 2014); **3** – La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980, Fig. 13d); **4** – *Tholos* de Sabina, Granada (VALERA et al., 2014); **5** – Lapa do Fumo, Sesimbra (CARDOSO & MARTINS, 2018, Fig. 5, n.º 1); **6** – Gruta do Carvalhal, Turquel (Aljubarrota) (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 21; CARDOSO, 1996, Fig. 10, n.º 3); **7** – *Tholos* de la Zarcita (Santa Bárbara de la Casa, Huelva) de formato rectangular (CATELA, J. A. L., 2023). **8** – *Tholos* de la Zarcita (Santa Bárbara de la Casa, Huelva), representando ave (LEISNER & LEISNER, 1959; VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 7, n.º 6); **9** – S. Paulo II, Almada (CARDOSO, MARTINS & SOARES, 2025, Fig. 68, n.º 1; Fig. 104); VALERA, EVANGELISTA & CASTANHEIRA, 2014, Plate 6, n.º 6); **10** – Representação de equino de Valencina de la Concepción, Sevilha (VALERA et al., 2014); **11** – Marcela, Cacela (Vila Real de Santo António) (FILIPE, 2017, Fig. 43).

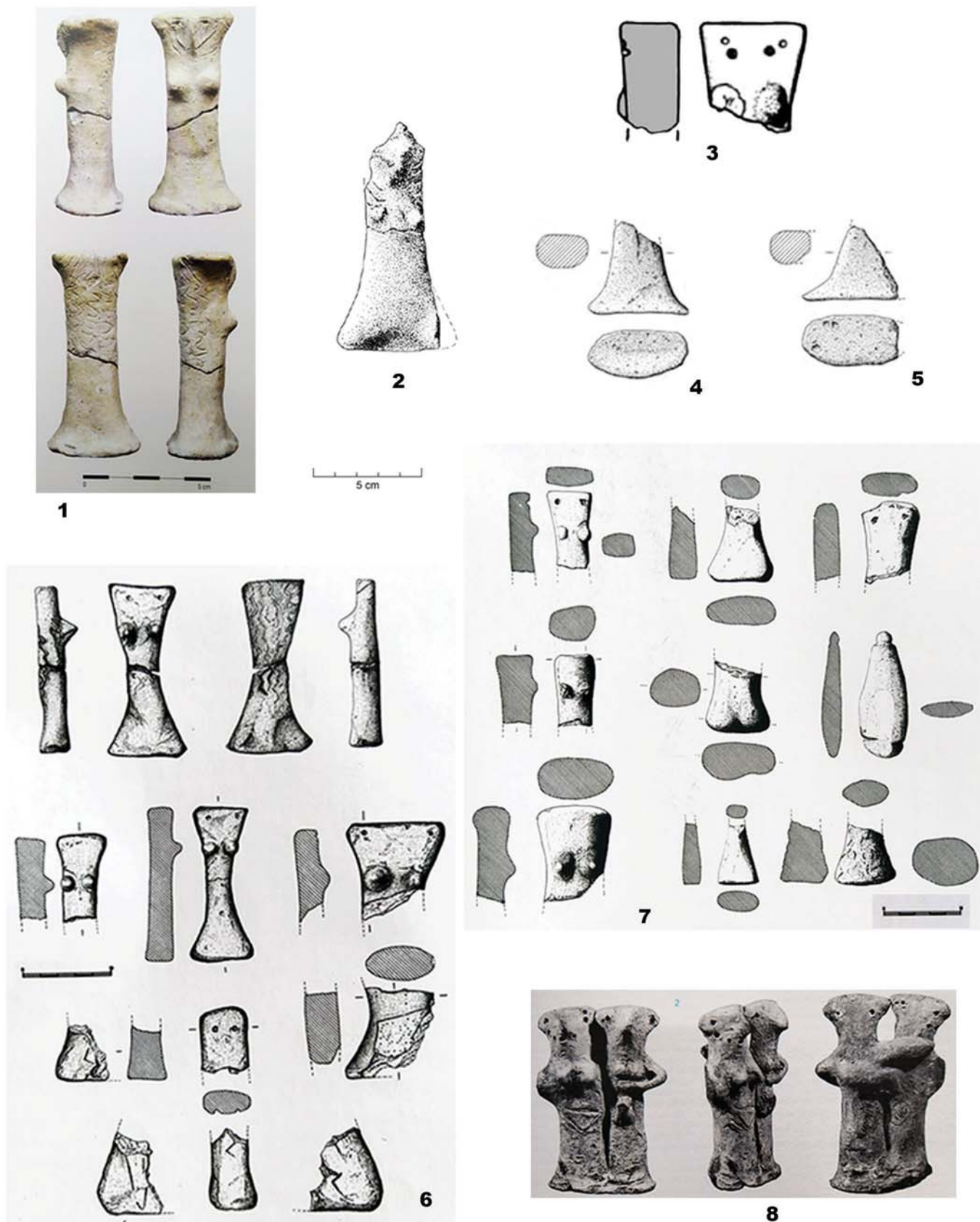


Fig. 30 – Figuras antropomórficas em barro: **1** – Povoado Marroquies Bajos (Jaén) (TORRE, 2023, p. 115); **2** – Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora) (GONÇALVES, 2005); **3** – São Brás 1 (Serpa) (PARREIRA, 1983); **4 e 5** – Povoado da Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO, 2014, Fig. 54, n.º 16 a 18); **6 e 7** – Povoado calcolítico de Cabezo Juré, Helva (NOCETE et al., 2004, Fig. 8.50, p. 182 e 183); **8** – Paralelo longínquo representando uma figura dupla, feminina e masculina de Gumelnitsa, Roménia (HANSEN, 2020, Fig. 10.2, p. 90; HANSEN, 2021, Fig. 10.2, p. 115).



Fig. 31 – Placas de xisto com representações oculares radiadas: **1** – Placa do corredor da Anta 2 do Olival da Pega (GONÇALVES, 2003b, Fig. 5); **2** – Placa de El Pozuelo, dolmen 4 (MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952, XXXIV e LXV); **3** – Placa do *tholos* do Escoural (GONÇALVES, 2004, Fig. 8); **4** – Placa da Lapa da Bugalheira, Torres Novas (CARDOSO & MARTINS, 2023); **5** – Placa Courela dos Nascedios, Mértola (GONÇALVES, 2007, Fig. 9, p. 185); **6** – Mértola, Beja (Coleção von Hafe) (GONÇALVES, 2007, p. 187-190; GONÇALVES, 2021; LEISNER, 1959, Est. 34); **7** – Placa das antas da Mitra (GONÇALVES, 2004, Fig. 6); **8** – Placa da Lapa do Bugio (CARDOSO et al., 1992, Est. 46, n.º 8); **9** – Placa de Anta 1 da Farisoa (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. XV, n.º 31); **10** – Placa da Anta Grande do Zambujeiro (GONÇALVES, 2004, Fig. 7); **11** – Placa de Pessilgais, Alter do Chão (Portalegre) (LEISNER & LEISNER, 1943, Tafel 7, n.º 20); **12** – Placa da Anta 1 de Cavaleiros, Ponte de Sor (Portalegre) (ROCHA, 2021, p. 248; BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 8, n.º 62); **13** – Placa da Anta do Rabaçal, Montemor-o-Novo (Évora) (BUENO RAMÍREZ & SOLER DÍAZ, 2021, Fig. 9, n.º 65); **14** – Placa, estela de alabastro de Mari (Síria) (SCHUHMACHER, 2013, Fig. 1).



Fig. 32 – Comparação de decoração presente na placa de xisto com cabelos ondulados. 1 – Figura feminina em terra cota do Povoado Marroquíes Bajos (Jaén) (TORRE, 2023, p. 115); 2 – Ídolo-falange da *tholos* de Huerta Montero, Almendralejo (Badajoz) (RODRÍGUEZ, 2023, p. 165); 3 – Ídolo antropomórfico de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980, Fig. 8); 4 – Ídolo de seção plana de La Pijotilla, Badajoz (HURTADO, 1980, Fig. 4); 5 – Betilo oculado em pedra dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (VALERA, 2023, p. 179); 6 – Ídolo antropomórfico em osso ou marfim, Llerena, Badajoz (RAMÍRES & DÍAZ, 2023, p. 184).

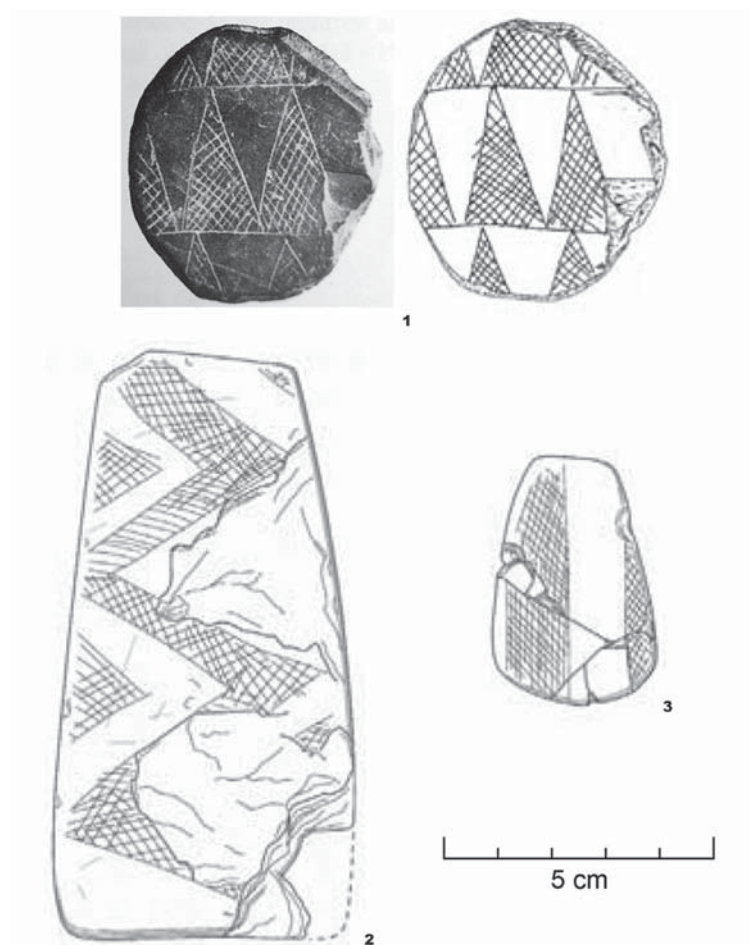


Fig. 33 – Placas reutilizadas por polimento não perfuradas provenientes de espaços domésticos. **1** – Placa de La Pijotilla, Badajoz; **2** – Placa do povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja; **3** – Placa de Ponte da Azambuja 2, Portel (seg. ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2015, Fig.10).

5 – SÍNTESE CONCLUSIVA

1 – Os diversos trabalhos de campo realizados pela empresa Neoépica Lda. no povoado de fossos de Porto Torrão permitiram observar uma complexa dinâmica na formação dos contextos arqueológicos, a par da sua própria diversidade, decorrentes das suas funcionalidades específicas e das práticas que neles se observaram. A informação assim recolhida e agora apresentada de forma sintética, reflecte, contudo, apenas uma parte muito diminuta da real importância de este sítio arqueológico, já que foi circunscrita à componente artefactual de conotações simbólicas recuperada em área muito circunscrita daquele.

A intervenção arqueológica permitiu identificar e registar, pontualmente, a extensão de grandes troços de um fosso (até cerca de 6m de profundidade) que delimita o povoado, revelando, pela complexidade de contextos identificados no seu enchimento, a própria complexidade da sociedade ali sediada.

O espólio ora publicado provém dos Sectores 1 e 3 Oeste, em grande maioria, sobretudo do interior de dois tipos principais de estruturas em negativo – fossas e fundos de cabana – total ou parcialmente escavadas no substrato geológico, recolhido nos enchimentos produzidos nas mesmas em época ulterior ao seu abandono.

A presença de alguns dos artefactos fragmentados de carácter simbólico é facilmente conotável com o seu descarte, sem necessidade de se procurarem outras justificações, especialmente no tocante às peças mais frágeis, de barro cozido, como a sua fracturação intencional. Esta, contudo pode estar presente no caso dos fragmentos de placas de xisto reutilizadas, embora a lógica do seu descarte após a perda do seu carácter simbólico, tenha sido a mesma dos restantes objectos estudados.

Deste modo, importa ter presente, antes de mais, que, na sua grande maioria, os exemplares provêm de contextos de enchimento, efectuados em época imediatamente ulterior ao abandono das respectivas estruturas: fosso, fossas e fundos de cabana. Nalguns casos, recolheram-se também vários restos humanos, embora a sua associação a qualquer dos materiais estudados não tenha sido estratigraficamente comprovada. Seja como for, esta realidade evidencia a natureza complexa da forma como se processaram as colmatações das estruturas negativas referidas.

2 – Tratando-se de um megassítio, com uma área ocupada entre 75 e 100 hectares, a primeira evidência que decorre das escavações realizadas é a presença de um notável dispositivo de fossos, por vezes de assinaláveis largura e profundidade, definindo vastos recintos articulados entre si com evidentes propósitos defensivos. Deste modo, o espaço doméstico assim protegido assumia naturalmente funções agregadoras da numerosa comunidade ali instalada.

É neste âmbito que se compreendem e justificam as práticas funerárias ali documentadas, indissociáveis, naturalmente, de outras práticas de natureza ritual ou cerimonial também ali certamente realizadas e que fortaleceriam os laços identitários da comunidade residente, ou que se revia na realidade corporizada por este centro demográfico regional de primeira grandeza.

Diferentes tipos de práticas realizadas no mesmo espaço faziam inevitavelmente parte do quotidiano diário das sucessivas comunidades instaladas ao longo dos séculos no Porto Torrão.

É neste sentido que terá de se interpretar a complexa realidade observada. Assim, o Porto Torrão, correspondendo seguramente a um espaço habitado e defendido, era muito mais do que isso, pois ali se realizaram também muitas outras actividades, as quais, para além das simples acções do quotidiano, decorriam da vida cognitiva colectiva da própria comunidade, nas suas vertentes espiritual e religiosa, expressas através de cerimónias públicas ou privadas, especialmente as de natureza funerária, bem expressas pelo conjunto ora publicado. Tal é a realidade também documentada nos Perdigões, o outro megassítio do interior alentejano até agora identificado, de forma ainda mais expressiva, dada a maior importância dos resultados publicados das escavações que ali têm vindo a ser realizadas.

Assim, a presença de contextos funerários no interior do povoado atesta uma prática comum aos megassítios do 3º milénio a.C. do sul e sudeste peninsular. Esta realidade comprova a relação próxima entre o mundo espiritual/simbólico e o quotidiano com as vivências próprias do dia-a-dia. Tal circunstância reforça a impossibilidade de se estabelecer uma divisão clara nestes vastos espaços habitados, entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, ou entre o mundo real e o mundo espiritual, atendendo à visão unificadora e sincrética da mundividência destas sociedades, semelhante às suas homólogas da bacia do Mediterrâneo.

De salientar, contudo, a ocorrência de relevantes contextos funerários no exterior do perímetro do povoado como os *tholos* de Monte Cardim 6 e Horta do João Moura, bem como os hipogeus de Monte do Carrascal 2, que documenta a existência de áreas funerárias específicas, claramente segregadas das áreas habitadas, com contextos com dinâmicas e características próprias, muito diferentes dos registados no interior do povoado, o que sublinha ainda mais a complexidade das sociedades do 3º milénio a.C.

3 – A localização geográfica privilegiada da estação, em plena peneplanície baixo-alentejana, favorecia amplamente as ligações transregionais então estabelecidas pelos seus habitantes com outras áreas geográficas, tanto para Oeste, com a Estremadura, como com o Sul e Sudeste peninsulares, fazendo do Porto Torrão um “lugar central” na rede de povoamento à escala transregional no que respeita à circulação de produtos e pessoas organizada no decurso do 3.º milénio a.C. Com efeito, os 46 artefactos conotáveis com práticas culturais recolhidos, cujo conjunto pela primeira vez agora se publica, são em tudo semelhantes aos oriundos de contextos estritamente funerários ou habitacionais (ou, a um tempo mistos, como é o caso em apreço) existentes em outras regiões meridionais peninsulares. Cronologicamente enquadrados ao longo do 3.º milénio a. C., revelam a forte interacção entre pessoas, expressa e evidenciada pela circulação de materiais tipologicamente afins, então registada, deste a Estremadura portuguesa ao Levante ibérico e mais além, reforçada pela presença de matérias-primas exógenas em que alguns deles são feitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. & FERREIRA, O. V. (1959) – Os vasos elípticos do Museu de Torres Novas. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, Lisboa, 1, p. 231-234.
- ANDRADE, M. A. (2015) – Cherchez la femme! Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica. In COLLADO GIRALDO, H.; GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.) – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015* (Cáceres, Spain). Tomar: CEIPHAR, p. 1545-1571.
- ANDRADE, M. A.; COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2021) – À sua imagem e semelhança. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e. no Sul de Portugal. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 213-247.
- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica. *Trabalhos de Arqueologia*, 8. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- ARAÚJO, A. C., SANTOS, A. I., & CAUWE, N. (1993) – Gruta do Escoural – A necrópole neolítica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (3-4), p. 51-90.
- ARNAUD, J. M. (1984-1988) – Nota sobre os ídolos oculados do Vale d'Ouro (Ferreira do Alentejo). *Arqueologia e História*, série X, I/II, Lisboa, p. 45-54.
- ARNAUD, J. M. (1982) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do sudoeste peninsular. *Arqueologia*, 6, p. 48-64.
- ARNAUD, J. M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, Aljustrel, p. 51-61.
- ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (2005) – *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- BARCIELA, V. (2021) – Idols from the Late Neolithic and Chalcolithic periods in the rock shelters of the Iberian Peninsula. A look from the southeast. *Mobile Images of Ancestral Bodies: A Millennium-Long Perspective From Iberia to Europe. Zona Arqueológica*, 23 (1), p. 61-82.
- BOLELLI, E., MARCAIS, J. & PASCON, P. (1956) – Note sur des vases de pierre découvert à Souk el Khmis des Ait Ouahi (Nord marocain), *Bull. Archeol. Marocaine*, 1, p. 157-162.

- BRANCO, M. G. (2007) – A Pedra de Ouro (Alenquer): Uma leitura actual da Colecção Hipólito Cabaço. *Trabalhos de Arqueologia*. 49. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BUCHHOLZ, H-G. & KARAGEORGHIS, V. (1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus*. Phaidon Press. London.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. A. (2021a) – Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projecto científico, expositivo e divulgativo “Ídolos. Olhares Milenares”. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 25-52.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. A. (2021b) – Um legado artístico excepcional. Breve apontamento sobre peças singulares da exposição “Ídolos. Olhares Milenares”, Museo Arqueológico de Alicante, Museo Arqueológico Regional de Madrid e Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 304-345.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. A. (2023) – Figuritas Ibéricas entre el IV y el III milénio antes de la era. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Miradas Milenarias desde el Extremo suroccidental de Europa. Guía catálogo*, Junta de Andalucía, p. 70-89.
- CABRERO GARCÍA, R. (1988) – *El Yacimiento Calcolítico de Los Delgados: Fuente Obejuna (Córdoba)*, Córdoba Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.^a parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1982) – *O castro de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 213-232.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6. Oeiras. p. 91-106.
- CARDOSO, J. L. (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 20, p. 61-76.
- CARDOSO, J. L. (2003a) – O uso do marfim, no território português, durante o Calcolítico: a propósito de um alfinete recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 85-96.
- CARDOSO, J. L. (2003b) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 73 -96.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2012) – A defesa do património arqueológico em confronto na segunda década do século XX: o caso do dólmen de Pedralta (Côta, Viseu). *Al-madan*. Almada. Série II, 17, p. 137-146.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): Resultados das escavações efectuadas (2003-2006). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 217-294.

- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2023a) – Os ídolos-falange calcolíticos da Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 32, p. 131-154.
- CARDOSO, J. L. (2023b) – Mineração, circulação e transformação de produtos geológicos não metálicos no Neolítico e no Calcolítico do Ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 33, p. 169-252.
- CARDOSO, J. L. (2024) – A necrópole da gruta da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira) e a génese do Complexo Campaniforme na região da foz do Tejo (Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 34, p. 249-310.
- CARDOSO, J. L.; MARTINS, F. & ANDRADE, M. A. (2025) – Os dois episódios de utilização da anta do Alto da Feteira (Pombal, Leiria) e o Megalitismo no litoral-centro do território português, entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 35, p. 45-116.
- CARDOSO, J. L. & ANDRADE, M. A. (2026) – Os espólios arqueológicos da gruta da Amoreira (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 38 (em publicação).
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2005) – Um cometa na Pré-história portuguesa: a taça do povoado calcolítico do Outeiro de S. Mamede (Bombarral) e o imaginário colectivo ligado a tais corpos celestes. *Al-Madan*. Série 2, 13, p. 36-47.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11. Oeiras. p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2009) – O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17. Oeiras. p. 261-356.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2018) – A ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 99-124.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2023) – A Lapa da Bugalheira (Torres Novas): revisão dos espólios recuperados na intervenção arqueológica ali realizada em 1941. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 33, p. 109-168.
- CARDOSO, J. L. & VILAÇA, R. (2020) – Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. Sesimbra. 4, p. 13-30.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; MARTINS, F. & SOARES, A. M. M. (2025) – Grutas artificiais de S. Paulo II (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 35, p. 117-310.
- CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J. EISENMANN, V. & ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARVALHO, A. F., JACINTO, M. J., DUARTE, C., MAURÍCIO, J., & SOUTO, P. (2000) – Lapa dos Namorados (Pedrogão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos. *Nova Augusta*. Torres Novas. 12, p. 151-172.
- CATELA, J. A. L. (2023) – La necrópolis de La Zarcita. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (eds.). *Ídolös. Miradas Milenarias. Desde el extremo suroccidental de Europa. Guía catálogo*. Consejería de Turismo, Cultura y Deporte. Junta de Andalucía, p. 154-155.

- COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2016) – Gestos do simbólico. I: «ídolos», idoliformes, figuras e representações do «sagrado» (?) nos povoados dos IV/III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 19, p. 63-86.
- COSTEIRA, C. (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* Lisboa. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa (Edição policopiada).
- DOLLFUS, G. & KAFARI, Z. (1992) – Abu Hamid, un asentamiento fundado en el V. milenio en el valle dei Jordan (Jordania). *Arqueología Prehistórica del Próximo Oriente. Trballs d'Arqueologia*, 2, Barcelona, p. 99-125.
- ESCACENA CARRASCO, J. L & BELLE, J. (2025) – Divinas y humanas. Barcas sagradas del Calcolítico meridional ibérico. In PÉREZ MACÍAS, J. A. & CAMPOS JARA, P. (eds.) – *Actas XII Encontro de Arqueologia do Sudoeste peninsular*. Huelva, p. 174-193
- FERREIRA, O. da V. & LEITÃO, M. (1981) – *Portugal Pré-Histórico*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FILIFE, A. M. V. (2017) – *(Re)Descobrir o Museu Archeologico do Algarve de Estácio da Veiga*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes.
- GOMES, J. J. F. & DOMINGOS, J. B. B. (2005) – Povoado fortificado da Pedra de Ouro. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (eds.) – *Construindo a Memória, As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 116-122.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC. 2 Volumes.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6, 1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5: O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7. Lisboa. (1), p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2005) – Manifestações do sagrado no Ocidente peninsular. 6. As representações da deusa no edifício funerário tipo Tholos do Monte Novo dos Albardeiros Reguengos de Monsaraz, Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 23, p. 197-229.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 8: Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 24, p. 167-231.
- GONÇALVES, V. S. (2021) – A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente Peninsular (3200-2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal. In BUENO RAMIREZ, P. & SOLER, J. (eds.) *Ídolos. Olhares milenares O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 149-170.
- GONÇALVES, V. S. (2022) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola). *Ophiussa*, 6. Lisboa. p. 5-21.
- GONÇALVES, V. S. & ANDRADE, M. A. (2020) – The megalithic clusters of Deserto and Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo, Middle Alentejo) in the building of the sacred landscapes of ancient peasant societies of the 4th and 3rd millennia BCE. *Ophiussa*. Lisboa. 4, p. 5-30.
- GRANJA, R. (2009) – *Relatório antropológico da intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo*, Neoépica Lda., Sintra.
- GRANJA, R. (2011) – *Relatório antropológico da 2ª fase de intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, Sectores 1 e 2*, Neoépica Lda., Sintra.

- GREGORY, I. V. (2021) – Prehistoric figurines from the Maltese Islands. Mobile Images of Ancestral Bodies: A Millennium-Long Perspective From Iberia to Europe. *Zona Arqueológica*, 23 (2), p. 309-332.
- GUSI, F. & OLARIA, C. (1991) – *El poblado neoneolítico de Terrera Ventura (Tabernas, Almería)*. *Excavaciones Arqueológicas en España*, 160. Madrid: Ministerio de Cultura.
- HANSEN, S. (2020) – Figurillas neolíticas en el sudoeste de Asia y Europa. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (eds.). *Ídolös. Miradas Milenarias*. MARQ, Museo Arqueológico de Alicante, p. 83-92.
- HANSEN, S. (2021) – Neolithic Figurines in Southwest Asia and Europe. Mobile Images of Ancestral Bodies: A Millennium-Long Perspective From Iberia to Europe. *Zona Arqueológica*. 23, 1, p. 103-118.
- HARPSØE, C. H. & RAMOS, M. F. (1987) – Gruta dos Penedos (Ponte de Lousa). *Arqueologia*. 15, p. 140-143.
- HURTADO, V. (1980) – Los ídolos calcolíticos de “La Pijotilla” (Badajoz). *Zephyrus*, 30-31, p. 165-203.
- ISIDORO, A. F. (1967) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20 (3/4), p. 285-297.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, G. (1945) – A cultura eneolítica do sul da Espanha e suas relações com Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série 8, 1, p. 11-28.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Text. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Berlin: Walther de Gruyter (Römisch-Germanische Forschungen, 17).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LIBRADO, P. et al. (2024) – Widespread horse-based mobility arose around 2,200 BCE in Eurasia. *Nature*, 202, (junho 2024), 39 p.
- LILLIOS, K. T. (2010) – Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: the production and use of the engraved slate plaque relics. In *Material Mnemonics*, LILLIOS, K. T. & TSAMIS, V., Oxbow Books, p. 40-72.
- LIRA GARRIDO, J., et al. (2025) – The genomic history of Iberian horses since the last Ice Age. *Nature Communications*, 16, Article number: 7098, p. 1-14.
- MÁRQUEZ, C. C.; LEISNER G. & LEISNER, V. (1952) – Los sepulcros megalíticos de Huelva. *Excavaciones Arqueológicas del plan nacional 1946. Informes y Memorias*, 26. Madrid: Ministerio de Educacion Nacional.
- MATALOTO, R.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2016/2017) – O megalitismo das pequenas antas: novos dados para um velho problema. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, 33-156.
- MOLINA, F. & CÁMARA, A. (2008) – *Guía del yacimiento arqueológico de Los Millares*. Almería: Junta de Andalucía.
- MORÁN, E. (2016) – Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal). In A. C. Sousa, A. Carvalho, & C. Viegas (Eds.), *Terra e água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*, UNIARQ, p. 179-187.
- MÜLLER-KARPE, H. (1974) – *Handbuch der Vorgeschichte*. Band III. Kuperzeit. München: C. H. Beck.

- NAVAS, M. A. (2022) – *Artefactos em Osso de Vila Nova de São Pedro: Uma Análise Tecno-Tipológica dos “Alfinetes de Cabeça”*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NETO, N.; ROCHA, M.; SANTOS, R. & REBELO, P. (2013) – Povoado calcolítico do Porto Torrão – Uma Inumação em Fossa. *Arqueologia em Construção – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- NOCETE F.; LIZCANO, R.; NIETO, J. M.; ÁLEX, E.; INACIO, N.; BAYONA, M.; DELGADO, A.; ORIHUELA, A. & LINARES, J. A. (2004) – La ordenación espaciotemporal del registro arqueológico de Cabezo Juré. In F. NOCETE (Coord.): *Odiel. Proyecto de Investigación Arqueológica para el Análisis del Origen de la Desigualdad Social en el Suroeste de la Península Ibérica*. Junta de Andalucía, Sevilla: Consejería de Cultura; Dirección General de Bienes Culturales, p. 129-232.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 22, Lisboa, p. 45-84.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1953) – Castro de Vila Nova de San Pedro IV – sementes pré-históricas de linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 4, p. 151-157.
- PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa): relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 1, p. 149-168.
- PARREIRA, R. & MORÁN, E. (2021) – Ídolos e manifestações do sagrado no 4.º e 3.º milénios a.n.e. no território de Alcalar (Algarve, Portugal). In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 284-303.
- PEREIRA, J. P. (1976/1977) – A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, p. 49-95.
- PUIGAUDEAU, O. & SENONES, M. (1967) – Vases de pierre polie du Maroc et du Sahara. I – Une septième écuelle marocain de Souq el-Khemis des Ait-Wahi. *Bull. Archéol. Marocaine*, 7, p. 151– 155.
- RAMOS, R. M. (2023) – Terrera Ventura (Tabernas, Almería). In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Miradas Milenarias desde el Extremo suroccidental de Europa*. Guía catálogo. Junta de Andalucía, p. 110-111.
- REBELO, P.; SANTOS, R. & NETO, N. (2009) – *Relatório final da intervenção arqueológica no Povoado do Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, 1ª fase*, Neopéica Lda., Sintra.
- ROCHA, L. (2021) – Tributos aos deuses: Os ídolos em contextos funerários da Pré-história recente no Sul de Portugal. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 248-266.
- ROCHA, M.; REBELO, P.; SANTOS, R. & NETO, N. (2012) – Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. *Promontoria Monográfica, Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro, 16 Universidade do Algarve, p. 399-406.
- ROCHA, M.; REBELO, P.; SANTOS, R. & NETO, N. (2013) – Povoado calcolítico do Porto Torrão – Elementos de adorno. *Arqueologia em Construção – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- RODRIGUES, F. & ZILHÃO, J. (2021) – O conjunto artefactual do Neolítico Médio da Sala do Ricardo, Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas). *Terra e Sal. Das Antigas Sociedades Camponesas ao fim dos Tempos Modernos – Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 153-166.

- SANTOS, A. B. & DELICADO, C. S. (2017) – Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração (Porto de Mós, Leiria). In ARNAUD, J. M. & MARTINS, A. – *Arqueologia em Portugal/2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, p. 753-764.
- SANTOS, R.; REBELO, P.; NETO, N.; VIEIRA, A.; REBUJE, J.; RODRIGUES, F. & CARVALHO, A. F. (2014) – Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (2008-2010): Resultados preliminares e programa de estudos. In 4.º *Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, EDIA, p. 74-82.
- SANTOS, R.; VIEIRA, A.; REBELO, P. & NETO, N. (2011) – *Relatório final da 2ª fase da intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, Sectores 1 e 2*, Neoépica Lda., Sintra.
- SCHUHMACHER, T. X. (2013) – Some reflections about an Alabaster stele from Mari (Syria) and its possible relations to the Western Mediterranean. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 39, p. 7-20.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1987) – Povoado fortificado do Monte da Tumba I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols. policopiados.
- SOUSA, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.*. Tese de doutoramento em História, especialidade Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada).
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 15, p. 28-57.
- TORRE, N. Z. de la (2023) – Marroquíes Bajos (Jaén). In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Miradas Milenarias desde el Extremo suroccidental de Europa. Guía catálogo*. Junta de Andalucía, p. 114-115.
- VAGUEIRO, C. (2016) – *A gruta artificial das Lapas (Torres Novas). Contributo para o conhecimento das práticas funerárias dos 4º e 3º milénios a.n.e. na Estremadura Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VALERA, A. C. (2013) – Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas de “tipo fosso”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 9, p. 7-11.
- VALERA, A. C. (2015) – Ídolos falange, cervídeos e equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdígões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, p. 7-20.
- VALERA, A. C. (2018) – *Perdígões neolíticos. Génesis e desenvolvimento (meados do 4.º aos inícios do 3.º milénio AC.)*. Lisboa: NIA/ERA.
- VALERA, A. C. (2020) – As tumulações em hipogeu do Neolítico médio e final no interior alentejano. Atualizando a síntese. In VALERA & NUNES (Eds.). *Vale de Barrancas 1. A necrópole de hipogeus do Neolítico (Mombeja, Beja)*. *Era Monográfica 4*. Lisboa, p.103-127.
- VALERA, A. C. (2021) – Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional, p. 201-211.

- VALERA, A. C. (2023) – Perdigões, Reguengos de Monsaraz, Évora. In BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord. cient.). *Ídolos. Miradas Milenarias desde el Extremo suroccidental de Europa. Guía catálogo*, Junta de Andalucía, p. 178-179.
- VALERA, A. C.; ALMEIDA, N.; EVANGELISTA, L. S.; MAURER, A.-F.; DIAS, C. B.; MACROBERTS, R.; RIBEIRO, S. & SANTOS, J. F. (2024) – No centro do centro dos Perdigões: o contexto de deposição de cabeça humana da Fossa 96 (2ª metade do 3º milénio A.C.). In DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/UNIARQ, p. 387-405.
- VALERA, A. C. & ANDRÉ, L. (2016/2017) – Aspectos da interação transregional na Pré-história Recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 189-218.
- VALERA, A. C. & FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, p. 29-61.
- VALERA, A. C.; EVANGELISTA, L. S. & CASTANHEIRA, P. (2014) – Zoomorphic figurines and the problem of human-animal relationship in the neolithic and chalcolithic southwest Iberia. *Menga, Revista de Prehistoria de Andalucía*. 5, p. 15-41.
- VALERA, A. C.; SCHUHMACHER, T. X. & BANERJEE, A. (2015) – Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdigões (south Portugal): the social role of an exotic raw material, *World Archaeology*. 47 (3), p. 390-413.
- VALERA, A. C.; FIGUEIREDO, M.; LOURENÇO, M.; EVANGELISTA, L. S.; BASÍLIO, A. C. & WOOD, R. (2019) – O Tholos de Cardim 6, Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Beja), *Era Monográfica*, 3. Lisboa.
- VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C. & EVANGELISTA, L. S. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo, *ERA-Arqueologia*, 2. Lisboa. p. 84-105.
- VAN CALKER, D. S. (2020) – *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4º e 3º milénios a.n.e.)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.